

Sônia Queiroz
organizadora

Formas de Ler Modos de Ser

Belo Horizonte
FALE/UFMG
1995

Diretora da Faculdade de Letras

Profa. Rosângela Borges Lima

Vice-Diretora

Profa. Prosolina Alves Marra

Chefe do Departamento de Letras Vernáculas

Profa. Eliana Amarante de Mendonça Mendes

Comissão de Publicações do Depto. de Letras Vernáculas

Profa. Sônia Maria de Melo Queiroz

Profa. Lucia Castello Branco

Profa. Leda Maria Martins

Prof. José Fernandes Vilela

Projeto Gráfico da Capa

Glória Campos

Revisão de Textos

Monitores de Língua Portuguesa:

Eduardo Tadeu Roque Amaral

Lucineia Cristina Rezende

Composição

paulo de andrade – Oficina de Texto – CENEX/FALE

Endereço para Correspondência

Viva Voz

FALE/UFMG

Departamento de Letras Vernáculas

Av. Antônio Carlos, 6627 - Sala 4049

31270-901 Belo Horizonte MG

Fone (31) 3499-5127 e 3499-5128

Fax (31) 3499-5120

Apresentação

Que mudanças podem ocorrer na vida de uma pessoa que escolhe o ato de ler como atividade profissional? O livro deixa de ocupar um espaço de prazer, ao se transformar em instrumento de trabalho? Ou passa a ser, mais do que antes, o companheiro das horas vazias, o mestre, o amigo, um objeto do desejo? Poderíamos, inversamente, nos perguntar se algumas pessoas são escolhidas pela leitura, já desde a infância seduzidas pelo fascínio da palavra escrita? Por que tantos de nós, a ler sentados diante de unia escrivadinha, preferimos “levar o livro para a cama”? Que fantasias os livros alimentam em nossos corações, que idéias constróem em nossas mentes?

À cata de respostas para algumas questões como essas, a Oficina de Texto e o Laboratório Multimídia vêm desenvolvendo o projeto *Formas de Ler, Modos de Ser*, que em seu primeiro ano de vida entrevistou professores da FALE cuja atuação como leitores e escritores tem marcado de modo especial a formação de nossos estudantes, ao longo dos últimos anos.

Leitores críticos, pesquisadores do texto – em especial do texto escrito e literário –, poetas, ficcionistas, esses profissionais formaram e formam gerações de outros leitores-escritores, que passam a ter o olhar marcado pelas leituras desses que ousaram um dia, numa sala de aula, num auditório, abrir uma trilha (um desvio, talvez) no caminho das letras.

Neste caderno *Viva Voz* publicamos as sete primeiras entrevistas, gravadas, transcritas e editoradas por alunos da disciplina Tópicos de Produção de Texto, no primeiro semestre de 95, com a colaboração dos monitores da disciplina e de estagiários da Oficina de Texto. Juntamente com esta publicação, estamos lançando o vídeo (que leva também o título do projeto), realizado pelos estagiários do Laboratório Multimídia e o monitor de Literatura Brasileira, sob a orientação da Profa. Maria Inês de Almeida.

No início do próximo ano, estaremos publicando depoimentos de mais cinco professores, trabalhados por alunos de Produção de Texto do segundo semestre de 95.

Queremos que este projeto aguce em cada um de nós a consciência de que o saber não está só nos livros, mas antes na voz (na vida), que antecede e antecipa a escrita, em sua produção e reprodução. Mas queremos lembrar também que a letra, em sendo desenho, imagem, inscrição, é guardião da memória, como a melodia para o cantador. Guarda, aqui, para além dos limites de nossos corpos, parte significativa da história da leitura na UFMG.

Sônia Queiroz

Sumário

| | |
|---|----|
| A Magia da Palavra Oculta no Tarô _____ | 6 |
| Escrita e Paixão _____ | 11 |
| Antes do Mundo, a Palavra _____ | 21 |
| A Alegria de Ser Letícia _____ | 27 |
| A Ficção É uma das Caras da Verdade _____ | 40 |
| BACA : um caso de aMOR com a ARTE _____ | 57 |
| Pelos Caminhos da Literatura _____ | 63 |

A Magia da Palavra Oculta no Tarô

Ana Maria de Almeida foi professora de Literatura Brasileira na UFMG por mais de 20 anos, tendo se aposentado recentemente. Doutora na disciplina pela Universidade Federal do Rio de Janeiro, dedicou-se ao estudo do tarô na obra de Guimarães Rosa.

Durante muitos anos, atuou como membro da comissão editorial da *Revista Literária do Corpo Discente da UFMG*, na qual também publicou vários textos, entre ficção e ensaio.

Atualmente é diretora do IFAC (Instituto de Filosofia, Arte e Cultura de Ouro Preto) onde realiza um trabalho de extensão envolvendo a comunidade na preservação e reconstrução da memória cultural de Ouro Preto. Participa do grupo Fogo Divino.

O que significa ler para você?

O ato de ler, para mim, significa decodificação contínua de todas as mensagens que a vida nos oferece. A leitura não se resume apenas à leitura de um texto escrito. Acho que, a todo instante, estamos nos deparando com mensagens que devem ser decifradas, que devem ser decodificadas para que a gente consiga orquestrar esse grande vento que é o mundo, e esse grande texto que nós construímos na nossa vida.

O que mais a influencia na escolha de um livro?

Quando escolho um livro, atualmente, estou mais preocupada com aquelas leituras que parecem estar em sintonia com essa demanda interior que constitui a leitura para mim, Desde que eu formulei a minha tese de doutorado *A Demanda da Santa Escritura*, prossigo na busca dessa orquestração maior do texto, dessa estruturação maior que há dentro dele e que exige um trabalho contínuo de decifração. Os textos que eu escolho atualmente estão diretamente relacionados à minha pesquisa. Então, evidentemente, procuro textos que tratam da relação da literatura com o esoterismo, livros que pesquisam religiões, principalmente sobre alquimia, que me marcou

profundamente na elaboração dos meus últimos trabalhos, tanto o trabalho de análise literária, quanto os trabalhos de ficção que eu estou desenvolvendo.

Você costuma frequentar bibliotecas?

Eu já gostei muito de frequentar bibliotecas. Já fui leitora de ficar ali oito horas seguidas, sem sentir o tempo passar. Atualmente, prefiro a minha própria biblioteca, ou um lugar mais retirado, mais calmo, até mesmo sentada numa pedra, perto do mar. Prefiro estar em contato direto com a vida quando leio, porque acho que a imersão no livro, muitas vezes, nos retira completamente da realidade, e eu quero juntar essas duas coisas: o texto vivo da vida e esse texto escrito sobre a vida viva.

Entre as inúmeras possibilidades de leitura que a cidade oferece, quais as que você mais pratica?

Acho muito divertido ler cartazes, *out-doors*, enfim, tudo aquilo que nos é oferecido na vida comum da cidade, até essas mensagens de médiuns, de feiticeiras, que nos oferecem promessas de felicidade. Enfim, toda a nossa vida está cercada de mensagens e de promessas de felicidade, que o livro de certa maneira nos oferece – um mundo substituto, uma compensação para as nossas frustrações, para os nossos sonhos, para as nossas viagens interiores. Então, desde o anúncio de uma loja, até o anúncio de um show, tudo isso é interessante para ser lido, para ser decodificado. Neles a gente vê como o desejo humano está sendo trabalhado.

Qual sua atitude diante de leituras que não compreende? Você relê, usa dicionários, ou rasga e esquece?

Diante de um texto que eu não compreendo, me vejo frente a um desafio que eu não vou largar enquanto eu não vencer. Quero saber o que ele tem a dizer, e até mesmo o que ele não tem a dizer, qual é a promessa escondida ali, pois todo texto nos promete alguma coisa, nos apresenta um desafio anterior, e eu só posso deixá-lo na medida em que eu responda a esse desafio. Essa resposta está na maneira como eu o compreendo, como eu vou digerir esse texto.

Quando ler se torna um desprazer?

Ler é um desprazer sempre que é obrigação. Toda vez que somos forçados a ler um texto pela obrigação de fazer uma tarefa sobre ele, como é muitas vezes a tarefa de dar aula, ou de fazer uma prova, a leitura se torna realmente um desprazer. O prazer do texto, como disse Roland Barthes, está justamente nesse contato amoroso, nesse contato erótico que a gente tem com o livro, no sentido de que é o nosso desejo que está sendo trabalhado ali. Então, o texto tem que estar voltado para o prazer, não pode ter a marca de uma obrigação, de um sacrifício.

Qual a influência da leitura no seu modo de ser?

Atualmente, o livro, para mim, como eu já falei muitas vezes, é um complemento de toda uma experiência vital, que é essa minha experiência de pesquisa sobre textos esotéricos, místicos. Neles eu procuro principalmente encontrar quais são os pontos de ligação entre os diversos textos que tratam do sentido da vida, da escrita, das religiões. Eu já não me volto para determinado tipo de leitura que fazia há mais tempo, procurando apenas passar o tempo, ou então para o prazer de ler um livro que está na moda, um *best-seller*.

Desde quando você se considera uma leitora?

Eu me considero leitora desde muito pequena. Eu tinha uma curiosidade muito grande pelos livros que tínhamos em casa. Mesmo antes de saber ler, procurava alguém que lesse para mim. Gostava de ouvir histórias, tinha paciência de ficar perto dos velhos, ouvindo as longas narrativas de família... Então, eu me considero uma leitora desde pequenininha mesmo, As minhas curiosidades pelo mundo, a maneira como eu procurava descobrir coisas diferentes já me preparavam para ser uma leitora bem curiosa, bem atenta para os mínimos detalhes da vida.

E qual a leitura que mais te marcou?

Foram várias as leituras que marcaram minha vida. Principalmente no meu tempo de jovem leitora, era encantada com Mark Twain: *Tom Sawyer*, *As aventuras de Huckleberry Finn*. Fui uma leitora da

coleção Saraiva, uma antiga coleção que oferecia um livro novo todo mês e meu pai comprava. Eu ficava à espera desses livros mensais. Muitos eram proibidos e eu não podia ler. Costumava lê-los atrás de um sofá que ficava no canto da casa. Eu me escondia atrás dele e lia-os ali.

Que relação existe entre o mundo e o livro? Ler um livro é o mesmo que ler o mundo?

Eu gostaria de dar um exemplo muito concreto: o tarô, para mim, no qual eu baseei minha pesquisa sobre João Guimarães Rosa, principalmente em *Primeiras Estórias*, é um baralho que é um livro. Antes de responder à pergunta, eu gostaria de contar uma antiga experiência muito curiosa que tive com o livro e que me veio agora à lembrança: Havia uma seção no *Jornal do Brasil* antigamente que premiava as pessoas que faziam perguntas curiosas. O prêmio era um livro. Eu fiz uma pergunta a respeito do significado do baralho, que foi publicada no jornal. Nunca li a resposta, porque viajei, mas quando cheguei em casa, havia um livro de crítica literária, cujo nome eu também já esqueci, que era o prêmio da minha pergunta. Eu não li o livro, nem a resposta da pergunta que eu tinha feito. E, curiosamente, venho pesquisando o baralho ao longo dos tempos, até chegar a essa experiência com o tarô, que é um livro sobre o mundo, sobre a roda da vida. Então, eu acho que essa relação do livro com o mundo está numa demanda muito antiga que é minha e na qual eu encontrei uma grande sintonia com a demanda de todos os místicos de todos os tempos, que é de encontrar esse texto básico, esse livro-árvore da sabedoria, que contém todos os ensinamentos possíveis. Fizemos uma vez um teste comigo a respeito dos meus desejos de adolescente, no qual eu deveria, a certa altura, decidir o que eu gostaria de fazer: viver um grande amor ou descobrir um livro que tivesse todas as respostas possíveis para todos os problemas, um grande livro. Até hoje não sei responder o que seria melhor, se seria essa vivência do grande amor, que eu já vivi, é claro, ou encontrar o livro que resumisse tudo. Na verdade, a gente não encontra o livro que resume tudo, como no livro infinito imaginado por Borges, no *Livro de Areia*. É um livro infinito, tão grande que, se fosse

queimado, iria incendiar o mundo inteiro, porque ele resume o próprio mundo.

Além do texto escrito, o que mais você considera como texto?

Eu gostaria de responder essa pergunta voltando à questão do tarô. Acho que tudo que se expressa através de signos, de símbolos, constitui um texto. Eu posso falar do livro da cidade, com todas as mensagens que encontro no dia-a-dia, posso pegar o próprio baralho e considerá-lo como texto, um texto que sempre me fascinou: é um jogo. O baralho nos oferece um trabalho muito interessante sobre o significado lúdico da leitura, e de uma construção contínua, que tem suas regras, seus movimentos, que tem um código oculto que você tem que dominar completamente para viver a aventura da leitura, o jogo da leitura. O baralho constituiu para mim uma experiência muito curiosa que eu já contei. O que ficou de tudo isso é que eu estou procurando a resposta do texto, como é que o texto me dá a resposta, como é que o texto articula a resposta. E como paira nele algo sempre vivo, ele está sempre se fazendo e refazendo. O texto pode ter regras conhecidas, mas ele tem sempre um jeito diferente de ser tratado, modulado, orquestrado, e, a cada movimento desse, a cada jogada, a cada lance, eu descubro uma mensagem nova. É por isso que posso dizer que fui uma grande professora durante muito tempo, porque eu procurava renovar essas jogadas continuamente com os meus alunos. Esse jogo com os alunos é que permite ao professor tomar-se um grande jogador. Essa troca em cima de regras que são conhecidas é uma articulação viva, um trabalho contínuo de lances, de partidas, e a partida, na leitura, é infinita.

Algumas publicações de Ana Maria de Almeida

Literatura brasileira: Tradição e evolução. Belo Horizonte: Vigília, 1979.

Múltipla escolha de português. Belo Horizonte: Vigília, 1973.

Entrevista realizada por Cristiane Lage, Fernanda Angélica Mourão, Luciana Lobato e Sérgio Antônio Silva

Escrita e Paixão

Angela Senra é uma mulher com seu Coração de Barro nas mãos. Uma menina de Bonfim do Paraopeba, recortando e colando jornais e revistas, mundos sobre mundos. Escrevendo. Angela Senra é professora de Teoria da Literatura na Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais. É Escritora. Uma mulher. Doutora em Literatura Brasileira; especialista em Literatura Francesa (teve como professor Jean Peytard). Foi Aluna do curso de Semiologia ministrado por Roland Barthes. Uma mulher n(d)a França.

Angela Senra é um abraço. Paixão e Fé. Uma mulher na constante busca de si mesma. Caminho de Perdição? Angela é poeta. O seu trabalho, uma terceira margem onde se mergulha e flutua. Angela é miNa de estrelas múltiplas explodindo encantamento. Uma mulher lançando olhares e olhares sobre as cerâmicas do Vale do Jequitinhonha.

Uma fiadeira. Mulher à espera de. Com o coração nas mãos. E nas palavras.

Você possui alguma rotina de leitura e de escrita?

Não, eu não tenho essa rotina. E tenho inveja, inclusive, dessa rotina do professor, do intelectual que tem horário, que levanta, trabalha de oito ao meio-dia. Eu trabalho muito, mas sou um pouco indisciplinada, em questão de horário. Posso, por exemplo, trabalhar uma, duas, três noites e emendar com o dia. Se é uma coisa que está me dando prazer, e geralmente é, porque o livro bom... o texto bom... a relação é muito prazerosa, eu emendo.

A partir do momento em que escolho um texto para trabalhar, eu tenho empatia com ele. É claro que tenho uma metodologia, tenho que ter caminhos de acesso ao texto, um trabalho convincente, produtivo, de base, isso é óbvio. Mas, se escolhi algum texto, tenho que ter uma relação muito boa com ele e com o assunto. Quando

trabalho um texto, a relação é sempre prazerosa. Acho masoquismo trabalhar com um texto do qual não gosto. No Brasil, de maneira geral, trabalhamos em péssimas condições, ganhamos mal, moramos mal e, ainda por cima, ler ou escrever um texto do qual não gostamos?

Fale um pouco mais desse prazer com o texto.

Prazer muito gostoso, acho que transcende, levita mas pula no chão, é muito bom. E é também muito ligado ao erótico, ao impulso vital, ao vivo, à vida.

E a sua relação com o livro-objeto?

Ali, eu gosto muito de edições de livros, eu gosto de sebos, gosto de ver edições raras, gosto do cheiro. Gosto de ir a sebos, adoro ficar procurando, cheirando, gosto de futricar. Eu sempre gostei disso. Minha mãe dizia que, quando achei a primeira tesoura, eu cortava tudo que existia de legível à mão. Comecei destruindo; então aprendi a recortar. Recorto até hoje tudo que me interessa.

Você escreve por inspiração?

Não, acho que isso é o amadurecimento da idéia mesmo. Às vezes eu estou na rua, ou então estou comendo alguma coisa em algum lugar e me ocorre uma idéia. Ou então, estou deitada, à noite. Eu tenho sempre um bloquinho ao lado, na cabeceira, onde eu escrevo só uma palavrinha, aquela idéia que veio. E às vezes eu fico andando na rua, ou estou fazendo café de manhã e cai uma idéia dessas. Pego um papel e esboço um pouquinho essa idéia, o que ela vai ser, talvez.

Eu sempre escrevi por fragmentos, sempre escrevi por colagem e não é coisa que eu aprendi na moda, não. Afinal, nós somos esse monte de fragmentos. E não precisa ser uma coisa incoerente. Antigamente, quando eu estudava teoria, o tipo de escrita, vinha sempre unia definição: escrita por fragmentos a escrita confusa, incompleta, do pensamento esfiapado. Ela pode ser tudo isso; ela pode ser até inconclusa – o que eu até acho ótimo. Mas ela não é incompleta, a completude dela vai ser exatamente esse jogo, o jogo que eu estabeleci. Quando eu comecei a escrever, descobri que fazia esse

tipo de texto. Fiquei um pouco assustada porque pensei: como é que eu vou fazer isso em sala de aula, como isso seria realizável, factível em sala de aula? Mas descobri que era factível, sim. Na medida em que eu tenho um texto, eu trago. A gente faz desse um, com os outros, a gente faz um que é nosso. Sofro da obsessão da escrita. Eu tenho um perfeccionismo com o meu texto que é uma coisa terrível. Demoro horas e horas pra escrever uma palavra, mas, quando eu descubro, fico muito feliz.

Você lê diariamente?

Atualmente, não. Mas, quando eu comecei a trabalhar com Teoria da Literatura, tinha uma disciplina muito rígida. Eu sou muito rígida comigo mesma. Eu sou muito mais rígida comigo do que sou com outra pessoa, em qualquer tipo de relação: profissional, amorosa... Geralmente eu leio 150 páginas em uma hora e meia... é o meu ritmo. Então eu lia um livro por noite, de IO:30 à meia-noite. Eu comprava geralmente uns três livros por semana.

E você consegue ler nesse ritmo um livro que você considera...

Só ficção. Não consigo ler um livro de ensaio. Jamais fiz isso. De noite leio ficção e muita poesia.

Como é que você escolhe um livro?

Eu achava que, como professora de literatura, eu tinha de ler tudo que saía, pm dizer, por exemplo, que tal texto não era bom. Agora, não. Atualmente, faço o impossível para ler somente literatura de qualidade. Primeiro, porque já tenho condições (amadurecimento?) para fazer uma seleção. Segundo, porque tenho menos tempo de vida; para as “feias letras” – principalmente.

Penso que não há necessidade de o escritor ficar escrevendo sempre. Raduan Nassar, por exemplo, tem dois livros, *Um copo de cólera e Lavoura arcaica*. Ele escreveu estes dois livros, encerrou e está plantando, comprou uma fazenda. Em São Paulo, de um modo geral, no meio intelectual, as pessoas não o perdoam. Ele falou que só tinha aquilo para dizer. Eu acho magnífico uma pessoa ter a dimensão justa do que tem a dizer e não ficar se repetindo. Por exemplo: o Rubem

Fonseca, se dependesse de minha modesta opinião, deveria ter parado no *Feliz ano novo*, em 1976. Eu não o leio mais depois que descobri os autores marginais americanos. Em 76, foi um impacto. Mas hoje a realidade já suplantou sua ficção.

E a postura para ler os diferentes tipos de livros? Por exemplo, tem gente que adora ler um livro de ficção deitada...

Eu leio deitada, sempre deitada, com a luz do abajur, não no meu resto, pra não queimar minha pele, em cima do livro, e sempre, dependendo do livro, mão. Porque eu risco tudo. OS meus livros com um lápis ou uma caneta na são imprestáveis.

Que leituras são importantes hoje, no Brasil?

Acho que faltam duas leituras nesse momento (julho/agosto de 95): Nelson Rodrigues e Stanislaw Ponte Preta, que foi o fundador do Febeapá, o Festival de Besteiras que Assola o País. Stanislaw tinha frases que se tornaram antológicas, como, por exemplo: “Fulano faz parte do grupo de pessoas que se dedicam à árdua tarefa de elaboração do óbvio.” Isto é o que mais se tem no País: políticos, intelectuais, direita inteligente – horas de árdua elaboração do óbvio ululante.

O Nelson Rodrigues mexeu em todas as feridas da classe média. Fazendo uma retrospectiva, vejo que ele escreveu cenas que agora já não são consideradas tabus, mas que ainda são muito fortes. Por exemplo: o pai chorar de alívio porque o filho, que tinha sido assassinado, não era homossexual. (Acho que o nome de Nelson Rodrigues me veio à memória por analogia com a decadência, a degradação do País neste momento particularmente infeliz da nossa história.)

Como é possível escapar do óbvio?

Eu acho que se tem a obrigação de escapar, porque, aqui, na faculdade, em princípio, a gente deveria criar. Agora, nós não podemos também exigir muito, porque a vida do brasileiro é muito difícil. Todo mundo vem correndo do trabalho, cansado, com pouco tempo; unia grande parte está mal alimentada. Eu ainda acho que se

consegue fazer alguns milagres de vez em quando, por isso tento criar um pouco em aula e fico satisfeita, mesmo que alguns alunos pensem que eu não dou aula.

E o que é para você um bom leitor?

Eu acho que o bom leitor é aquele que lê o texto bem, de acordo com a condição que ele tem, sua realidade pessoal, sua condição sócio-econômico-cultural. Eu acho isso fora da faculdade, da especialização. Aqui a gente tem de exigir e não tem de ter prurido nenhum. Não vejo problema algum em dizer que a gente gosta de um texto bem escrito, um texto que provoque reflexão, que mexa com nossas mentes e corações.

No seu percurso intelectual quem mais te influenciou?

Olha, a primeira pessoa que foi fundamental na minha vida foi a famosa professora primária, que foi a mesma durante quatro anos; isso é raro. Ela era uma mulher inteligentíssima. D. Lourdinha, uma gracinha de pessoa, era totalmente fora dos cânones da cidade (Bonfim do Paraopeba), tanto que as pessoas falavam que ela era louca. Ela era uma figura muito esquisita para a cidade provinciana, vestia umas roupas diferentes, não se importava muito com a moda. Se passava a moda, ela continuava com aquelas roupas, e as pessoas se preocupavam com isso. Também tinha o fato de ser solteira e estar bem com e no mundo – isso incomodava os conterrâneos. Foi uma pessoa importantíssima, as aulas dela eram muito divertidas. Ela ensinava o que precisava e também as coisas que talvez nem precisasse, daí, talvez, ter surgido a minha vocação de pesquisadora. Ela incentivava muito a gente a procurar além, e nós não tínhamos muito material. Quando fiz o curso primário em Bonfim, pedia a meu pai para comprar livros e ele comprava os livros de histórias em Belo Horizonte. Eu assinava o *Suplemento Literário*. Eu sempre metia o bedelho onde não era chamada, desde cedo já começava a mexer em tudo para ver o que era, e D. Lourdinha me entusiasmou muito nesse aspecto de procurar o desconhecido. Além disso, ela me incentivou muito a escrever.

Depois, eu fiz o ginásio no Instituto de Educação e tive um professor de Português, Luiz Gonzaga da Fonseca, que foi muito influente também. Comecei a ler Drummond quando eu era menina, livros emprestados pelas sobrinhas dele, que eram minhas vizinhas. Depois o maravilhoso Veloso, no Colégio Estadual, que foi um professor importantíssimo na minha formação. O Veloso me abriu as portas: tudo que eu ouço falar até hoje de Filosofia tudo, eu já tinha ouvido do Veloso. Eu me lembro de coisas incríveis: ele chegava às 7 horas da manhã na sala de aula e fazia chamada às 7:05, quem chegasse depois recebia falta. Estava invariavelmente elegantíssimo, de terno de linho, branco ou areia, sempre cheirando a vinho fino. Ele era brilhante na sala; tinha um senso de humor extremamente desenvolvido, o que só fez estimular o meu. E ele era absolutamente iconoclasta, o que também foi muito positivo para mim. Cheirosíssimo, um perfume delicioso. Ele escrevia “Kant” no canto do quadro e desenhava flores em volta do nome. Eu me lembro do dia em que ele escreveu na aula de Ética: “Moral é uma questão de higiene.” E foi através dele, também, que a militância política me achou.

Da Faculdade de Letras, retenho na memória alguns professores: Maria Luiza Ramos (Marilu) foi o meu impulso para a Teoria. A primeira prova que eu fui fazer com ela era a respeito de linguagem científica e linguagem poética. A observação dela me marcou: que a minha prova estava muito interessante e que eu continuasse a escrever. Dona Ângela Leão e Magda Soares (da FAE) me ajudaram muito. Fui monitora de Teoria, me formei e veio a França, onde comecei estudando Fonética, mas passei imediatamente para o Francês Literário. Lá, fiz o curso com Roland Barthes e realmente foi aquele encanto, foi sedução. Que coisa a fala dele! A elegância de sua postura na sala de aula! Tinha uma mesa quadrada e sentava quem podia; quem não podia, ficava em pé atrás, sentava no chão, sentava debaixo da mesa.

E sua relação com Adélia Prado?

Adélia me toca profundamente. Quando eu comprei *Bagagem*, não sabia o que era o livro, não conhecia Adélia. Coloquei o livro na minha mesinha de cabeceira e decidi ler na hora de deitar, no dia em que eu estivesse assim, com a cabeça bem leve, Aí, acabei de ler *Bagagem* e chorei, chorei e fiquei o resto da noite sem dormir.

Qual a sua ligação com a poesia?

Gosto de ler poesia, mas não gosto de dar cursos sobre poesia.

E escrever, você também escreve poesia?

Só “cometi” seis poemas, e eles foram publicados em uma das revistas de Teoria da Literatura do nosso Departamento. Todos eles são histórias de amor. Por isso, são só seis. Amor é uma palavra de muita responsabilidade para a gente falar assim, sem menos, sem mais.

Mas a sua prosa tem um quê de poesia.

Tem. Dizem que ela é.

E a música, Angela? Você lê ouvindo música, ou a música te influencia?

Não. Aconteceu no meu mestrado com o Milton Nascimento. Foi o único caso. Eu comecei a escrever a dissertação de mestrado escutando Milton, mas eu escutava só o som. Ele fazia papel de pano de fundo. Não foi nem escolhido; é que eu estava numa fase de gostar dele. Então eu colocava o disco e ficava o ruído do Milton e eu escrevendo.

Fale um pouco sobre a sua relação com a escrita e com a crítica.

A gente que é mulher sabe que a relação com a mãe é delicadíssima, de amor e ódio, extremamente complexa. O trabalho também é um filho, nesse sentido. Mas não é aquele parto com fórceps, doloroso. Você produz o livro e solta na praça e ele não é mais seu. O filho você tem que criar. O livro você não tem que alimentar todo dia, mas você tem que arcar com a crítica, com a recepção dos diferentes leitores.

A reação de público que senti mais intensamente foi com *Santa Teresa de Ávila*. A crítica escrita mais profunda, a melhor, publicada, veio da Lúcia Castello Branco. Recebi também cartas de religiosos quanto à correção de algumas datas – o que eu achei muito bom – e bilhetes de psicanalistas que não fazem a leitura que eu fiz de uma mulher que levita. O psicanalista vai procurar a histeria – e nesse território eu não entro porque acho muito perigoso. Perigoso e limitado.

Comecei o livro contando uma história que realmente aconteceu. Às vezes, as pessoas me perguntam se as coisas que eu conto nos meus textos são necessariamente autobiográficas. No fundo, sim. É óbvio que existe sempre um trabalho de ficção e invenção, porque eu não sou personagem e nem escrevo tal qual. Também entra a criatividade. Nesse sentido, a crítica ficcional é muito boa porque eu acho muito difícil para a pessoa trabalhar com a literatura sem se encharcar de ficção.

O fato é que minha mãe em devota de Santa Teresa e ela contava que uma vez pediu uma graça à Santa e, se fosse alcançada, que ela ganhasse uma flor. Ganhou uma rosa branca, que, na época e no lugar em que estava, era uma flor rara. Comecei o livro contando essa história. Eu fui descobrir em Santa Teresa uma mulher incrível, com muita força. A mulher que, em 1600, saiu a pé fundando conventos. Em uma mulher rica, da aristocracia, que largou tudo e foi fundar as Carmelitas Descalças. Ela fazia todo tipo de trabalho com as mãos. O trabalho espiritual é também uma coisa maravilhosa e a relação que ela vai ter com Cristo, o levitar, entre erotismo e misticismo, é uma beleza, um desejo de intensidade tão grande que você acredita, rende-se ao céu. Cristo apareceu para ela e falou: “De hoje em diante, pense só em mim, esqueça os outros homens.” E ela levitava e pedia: “Senhor, por favor, não me deixe levitar em público.” Mas um dia ela levitou na igreja durante a missa.

E os projetos futuros?

Eu tenho uma boneca do Jequitinhonha sobre a qual, a qualquer hora, vou fazer um texto. Está separada lá para escrever. E uma bruxa da

roça. O interessante é que a roupa dessa boneca é todinha de um tecido onde está escrito “Pierre Cardin”. Olhe que texto maravilhoso que dá sobre moda. Então fico com vontade de escrever sobre ela; está guardada lá em casa.

E o “Coração de Barro”, da sua coleção de cerâmicas do Jequitinhonha?

O primeiro barro a contar história de meu coração me acompanha e está branco, hoje em dia, de susto. Uma vez, li uma crônica do Drummond que tenho quase certeza que coincidiu com o primeiro eletro que ele fez, porque ele fala que, naquele dia, tinha descoberto seu outro coração, que não era aquele coração dos amores. Então, no meu primeiro eletro, meu cardiologista disse: “O seu eletro está tecnicamente poético.” E pensei em publicar o texto “Coração de Barro”, escrito a partir da cerâmica do Vale e fazer uma montagem com o eletro, um truque qualquer, de modo que a primeira página seja uma montagem. Eu acho que ficaria interessante mostrar que eu estou medindo e pesando esse outro coração também.

Escrever, Verbo Intransitivo

Angela Senra

Escrever, v. at. Formar os caracteres, com que representamos as palavras. § Compor alguma obra, como Poema, Discurso, História. § Escrever a alguém; enviar-lhe escrito, bilhete, carta.

Escrevinhar, v. n. Escrever mal as letras.

Escrita, s. f. Aquilo que se escreve, cópia.

Escrito, s. m. Bilhete breve. § Composição por escrito. § Escrito de obrigação; papel, em que ela está lançada. Escrito de sinal raso: a obrigação particular.

Escritor, s. m. Autor de alguma obra escrita.

Escritório, s. m. Contador com tampa por fora, que cobre as gavetas. § Lugar onde se guardam escrituras. § Casa onde o Letrado despacha.

Escritura, s. f. O ato de escrever. § Papel autêntico, em que se

contém o contexto das coisas tais como obrigações, compras, e vendas, contratos, doações. § *Escritura Saqrada*, ou *Santa*: a Bíblia. § Composição por escrito.

Escriturar, v. at. Escrever com ordem, e clareza, **v. g.** as contas, e Livros de Comércio.

Escriturário, s. m. Homem versado nas Sagradas Letras. § O que escritura em livros.

Escrivantina, s.f. Caixa com tinteiro, e o mais aparelho para escrever.

Escrivão, s. m. Oficial de Justiça, que escreve em Autos perante algum Magistrado, ou Tribunal, § cc.

Escreva quem puder e leia quem souber.

Escreve antes que dê e recebe antes que escrevas.

Escreve Deus às vezes o direito em linhas tortas.

Escreve devagar, que eu tenho pressa.

(Do *Diccionario da Lingua Portuguesa* por Antonio de Moraes Silva, natural do Rio de Janeiro, Lisboa, anno de 1813.) (*De Provérbios*, de Mario Lamenza, Rua Buenos Aires, 133, Rio, em 1941.)

Algumas publicações de Angela Senra

Paixão e fé: os sinos da agonia de Autran Dourado. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1991.

Santa Tereza de Ávila. São Paulo: Brasiliense, 1983. (Col. Encanto Radical, 29).

Entrevista realizada por Elizabeth Penido, Elza Brasileiro, Paulo de andrade e Regina de Araújo.

Antes do Mundo, a Palavra

Ângela Vaz Leão, nascida em Formiga (MG), dedicou sua vida profissional aos estudos lingüísticas e literários. Foi professora de Língua Portuguesa e Filologia Românica, na graduação, e de Língua Portuguesa e Lingüística Histórica na pós-graduação da Faculdade de Letras da UFMG. Ex-professora da Aliança Francesa, conhece as principais línguas românicas, além de algumas de outras famílias.

Contribuiu para a criação do PREPES – Programa de Pós-Graduação *Lato-Sensu*, da PUC-MG, onde atualmente é coordenadora do curso de pós-graduação em Letras.

Ângela foi uma das primeiras mulheres a integrar a Congregação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, hoje FAFICH/UFMG. Publicou obras importantes, tais como *O período hipotético iniciado por “se”*, *História de Palavras*, *Sobre a Estilística de Spitzer*, diversos capítulos de livros e artigos em revistas.

Profa. Ângela, para a senhora o que vem a ser um bom leitor?

Um bom leitor é aquele que entra, em primeiro lugar, em sintonia com o autor. Ele é capaz de, por um ato de empatia, reconstituir a experiência do autor e, por outro lado, é também aquele que deixa esse texto penetrar dentro dele, ajudando-o a criar uma vivência nova.

O que a leitura representa para a senhora?

A leitura representa muito para mim. É um alimento sem o qual eu não posso passar. Eu fui sempre devoradora de livros desde menina. Eu li muito e continuo a ler. Lamento só que o aumento das responsabilidades acadêmicas vá diminuindo o tempo que a gente pode dedicar àquela leitura por puro prazer. Isso eu lamento mesmo.

Qual a importância do livro na atualidade?

Eu penso que tem uma importância muito grande. Embora nós estejamos na era do audiovisual, na era das comunicações visuais, na era da informática, eu penso que nada disso vai substituir o livro.

Para mim, a era do livro não acabou. É uma grande ingenuidade pensar que ele foi substituído. Ele foi complementado, foi enriquecido, mas não foi substituído.

Quais os livros que a senhora lê?

Infelizmente, no momento atual, são os livros da minha área, porque eu tenho que ler para me manter em dia. Eu digo infelizmente porque, embora eu o faça com prazer, com consciência profissional, eu gostaria que me sobrasse mais tempo para acompanhar a produção literária de hoje, que eu acho muito rica e muito bonita. Mas houve um tempo em que eu não escolhia assim. Quando era mocinha, eu escolhia mais de acordo com a ação, as experiências narradas que estavam em sintoma com as minhas próprias.

A senhora costuma freqüentar bibliotecas?

Atualmente, eu freqüento muito pouco, porque os livros de que eu tenho necessidade no meu trabalho são geralmente importados. Há infelizmente uma retração muito grande de verbas nas entidades de ensino público, porque os orçamentos, infelizmente, servem para outras coisas, servem pouco para a cultura. Então, acontece que, no plano em que eu tenho trabalhado, que eu tenho pesquisado, geralmente, não encontro os livros na biblioteca. Eu tenho que pedi-los, encomendá-los no exterior e fazer a minha própria biblioteca. Mas, na PUC-MG, onde eu estou trabalhando agora, nós temos uma facilidade muito grande. O serviço da biblioteca é quase perfeito. Eu telefono para a bibliotecária e ela manda o livro na minha sala. Então, por isso, eu não freqüento tanto as bibliotecas.

Entre as inúmeras possibilidades de leitura que a cidade oferece, quais as que a senhora mais pratica (out-doors, pichações, cartazes, etc.)?

O que eu acho que deve ser mais eficaz é a pichação, pela atração que exerce sobre nós. Um *out-door* você pode até passar sem ver, mas a pichação é difícil a gente não procurar ler. Aliás, esse gosto do homem pelo grafite nas paredes é muito antigo. Nós temos documentos muito anteriores a Cristo que falam a respeito disso. Na

cidade de Pompéia, que foi destruída pelo Vesúvio, era muito comum as pessoas fazerem declarações nos muros, declarações de amor, desabafarem suas queixas contra os deuses, rogarem pragas e também escreverem pornografias, em muito comum isso. Então, eu penso que a pichação, por esse lado que ela tem de proibido, é muito atrativa.

Quais são os seus autores preferidos?

Bom, no âmbito das literaturas de língua portuguesa, eu tenho, no Brasil: Machado de Assis, Graciliano Ramos, Carlos Drummond de Andrade, Guimarães Rosa. Em Portugal, embora eu adoro Fernando Pessoa, Miguel Torga e, hoje, Fernando Namora, é ainda Camões o absoluto. E nas literaturas africanas da língua portuguesa, gosto de Emília Couto, que soube criar um estilo poético maravilhoso, um pouco próximo de Guimarães Rosa. Bom, agora, fora do âmbito da língua portuguesa, há muitos autores que eu adoro, como, por exemplo, Dostoiévski, grande autor, e muitos outros. Eu acho que quem passou a vida inteira lendo, tem dificuldade em destacar alguns. Mas eu penso que Dostoiévski é, talvez, o que mais me impressionou.

O que a senhora pensa da profissão de escritor?

Bom, eu não tenho experiência, nunca tentei viver de escrever. Dizem que é difícil, que há dificuldades para se receber os direitos autorais. Já ouvi dizer até que o único tipo de escritor que acaba vivendo dos direitos autorais é o escritor de teatro, porque ele ganha por entrada vendida, por cabeça. Imagina se os outros escritores fossem contar no leitor, também, os livros vendidos. Mas não se contam. Então eu tenho a impressão de que não deve ser fácil. Entretanto, há pessoas que têm sobrevivido da literatura.

Qual a influência da literatura no seu modo de ser?

Olha, eu acho muito difícil responder a essa pergunta, porque o modo de ser da gente acaba sendo o resultado de um acúmulo de experiências e muita coisa que você faz, que você diz, que você pensa é o resultado de uma segunda natureza que se incorporou ao seu ser inicial. E, no fim, você não sabe mais o que é da literatura, o que é aquilo com o que você nasceu, o que vem da educação, é muito

difícil. Mas a influência da literatura é muito grande. Por exemplo, eu sempre tive natureza retraída, sempre tive o pudor para a exibição, o vedetismo, mas eu não posso negar que o Machado de Assis tomou isso mais profundo em mim.

Que relação existe entre o mundo e o livro? Ler o livro é o mesmo que ler o mundo?

Mas que pergunta difícil! Bom, depende do que você pensa que seja o mundo. Se você considera o mundo apenas o visível, aquilo que te rodeia, é claro que o livro vai muito além do mundo, porque ele te leva a outros mundos. Ele cria outros mundos e te faz mergulhar dentro deles. Entretanto, todos esses mundos criados, eles se fazem por fragmentos do real. Então, eu acho que há uma relação muito grande entre o livro e o mundo.

A senhora acha que um mundo sem palavras seria possível?

Não. Não acho que ele seria possível. E, se voltarmos aos tempos míticos do Éden, veremos que ele foi criado com a palavra. Foi corri a palavra, com o Verbo, que Deus criou o mundo. Portanto, antes do mundo existir, existiu a palavra. Então, acho que não é possível o mundo sem palavra.

O corpo é um texto, Proja. Ângela?

Bom, se você tomar a palavra texto no sentido mais lato possível, como tudo aquilo que é composto de fios, de elementos que se entrelaçam, onde um depende fundamentalmente do outro, há esse tecido. Mas eu penso que, se nós começarmos a estender assim o sentido das palavras, elas perdem em precisão. Na medida em que você aumenta a compreensão da palavra, o número de objetos que ela compreende, você diminui a clareza dessa palavra. Então, você restringe o seu poder significativo. Dizer que o corpo é um texto é muito típico da nossa época, em que o culto do corpo tomou quase que o primeiro lugar na vida social. Mas eu penso que é uma extensão da palavra que só pode prejudicar o seu uso técnico. Por exemplo, você vai para uma sala de aula, nas primeiras séries, e o aluno tem que saber o que é um texto. Se você começa a dizer a ele

que o corpo é um texto, ele se perde. Então, nós temos que ter essa preocupação de preservar o poder significativo das palavras. Nós podemos dizer outra coisa pra mostrar essa organicidade do corpo, essa interdependência entre corpo e espírito, entre várias partes do corpo. A própria palavra *co-organismo* e a palavra *organicidade* têm muito disso. O corpo é um conjunto de órgãos e de funções muito bem estruturado, o mais maravilhoso que Deus criou. Quando a gente pensa, por exemplo, que nós chegamos a andar, a nadar, a conversar, a escrever quase que automaticamente, nós vemos que esse corpo funciona mesmo como um tecido de coisas muito unidas. Mas eu não chamaria o corpo de *texto*.

Além do texto escrito, o que mais a senhora considera como texto?

Um texto além do texto escrito? Bom, se nós considerarmos o sentido etimológico de *texto*, tudo aquilo que é estruturado, tecido, compõe um texto. Por outro lado, se nós considerarmos o sentido estrito que a palavra foi ganhando ao longo dos tempos, o texto é um conjunto de palavras encadeadas, estruturadas, relacionadas, inter-relacionadas para formar um sentido. Se não forma um sentido, não é um texto. Desde que você cria um sentido, não tem importância que o texto seja escrito ou ainda não tenha sido registrado pela escrita, é um texto, um texto oral.

Diante dos acontecimentos, dos fatos, a reação do corpo não seria um texto?

Bom, a reação do corpo pode ser lida, evidentemente. Nós temos a expressão corporal hoje, não só na dança, mas em tudo. Nós temos a expressão visual. Os seus olhos, a sua boca, o recorte da sua boca, os seus movimentos de cabeça falam por você, evidentemente que eles falam por você. Mas daí a chamá-lo de texto... por que não chamá-lo, então, de *espelho*, *espelho da alma*? Porém *espelho* não é termo técnico dentro do ensino do Português. Mas um texto, eu não acho muito bom. Eu gostaria de ver preservados os termos que fazem parte de uma nomenclatura didática, para não causar mais confusão no aprendiz. Então, eu acho que o fato de a reação corporal, a reação

visual poder ser “lida” não significa que o corpo seja um texto. Significa aquilo que sempre significou, que é “o espelho da alma”.

Se a sua vida fosse um romance, como esse romance se chamaria?

Se fosse um romance?! Não vejo como ele se chamaria, mas eu acho que haveria, nesse romance, muito de viagem. Agora, eu não sei se essa viagem seria dentro de mim, se ela seria em roda de mim, se ela seria fora de mim, se ela seria num outro mundo que eu criasse. Mas teria de ter alguma coisa de viagem, alguma coisa que ultrapassasse o meu ser físico, fosse para o lado de dentro, fosse para o lado de fora.

Dentre os personagens que a senhora conheceu nos livros, qual a senhora gostaria de ser?

É difícil, hein?! Eu pensei numa personagem que durante muito tempo me impressionou. Mas, agora, é uma leitura que eu não faria de novo. Então houve um tempo em que eu me confundia muito com uma personagem francesa chamada Iyvonne de Galais, de um livro chamado *Le Grand Meaulnes*. Eu me confundia com ela; ela vive um amor tão bonito, que eu gostaria de viver. Mas, hoje, eu não sei se eu iria encontrar o mesmo encanto nesse livro, e o mesmo encanto nessa personagem. Eu não sei mesmo.

Algumas publicações de Ângela Vaz Leão

A Estilística: tentativa de conceituação e aplicação a alguns fatos da língua. Belo Horizonte: UFMG, 1958.

História de palavras. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1961.

O período hipotético iniciado por “se”. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1961.

Sobre a estilística de Spitzer. Belo Horizonte: Imprensa da UFMG, 1960.

Entrevista realizada por Aparecida Ferreira, Denise de Freitas, Leila Lopes, Ludmila Duarte, Marília Mendes e Marluce Alves

A Alegria de Ser Letícia

Alegria. Não poderia haver outra palavra para significar Letícia. Mineira de Pirapora, veio para Belo Horizonte aos 12 anos com um sonho: o de ser professora. Já em Belo Horizonte, lecionou Inglês para cegos, Português para japoneses, Espanhol, Língua Portuguesa, Literatura, Teoria da Literatura, até aposentar-se, em 1995, como professora de Literatura Brasileira na UFMG.

Sua carreira como professora levou-a a escrever vários livros, os quais seguem uma linha voltada para a Sociologia. Esse foi o tratamento dado por ela a diversas obras de literatura brasileira, dentre as quais destacamos a obra de Graciliano Ramos, que foi tema de sua tese de doutorado, e Avelino Fóscolo (concurso para professor titular). Sua primeira tese ganhou o “Prêmio de Erudição Cidade de Belo Horizonte”. Seu livro de ensaios *Escritos de Literatura Brasileira* ganhou, em 1982, a menção especial do Prêmio Fernando Chinaglia, em 1972, os prêmios Sérgio Milliet, da União Brasileira de Escritores e o da Academia Brasiliense de Letras.

Somente aqueles que com ela convivem são capazes de dizer quão prazeroso é sentir a vivacidade, juventude e sabedoria que há em Letícia. Além de abordar a questão da leitura e da escritura na Faculdade de Letras, esta entrevista quer sobretudo divulgar sua obra àqueles que ainda não tiveram oportunidade de conhecê-la.

Quem é a Letícia ?

Em que sentido? É uma pergunta difícil ... A Letícia é uma professora de Literatura que curte literatura, demais... Que lê desde criança e que pediu de presente de aniversário ao pai e à mãe a obra de Machado de Assis e a leu toda quando tinha 13 anos ... Que é engajada politicamente e, nesse sentido, pertenceu à primeira diretoria da APUBH. Que é solteira, não tem filhos, mas está sempre de bem com a vida ... Que tem um “marido”, mas não moram na mesma casa, moram perto... Que tem muitos amigos... Que gosta de viajar, que

adora ver a terra onde nasceu... Que, em termos de viagem, tem uma relação estranha (não diria sobrenatural, pois sou inteiramente céptica), uma relação estranha com a cidade de São Petersburgo, antiga Leningrado, que já foi lá algumas vezes e liga de vez em quando para a telefonista para saber como está o tempo lá, umas maluquices assim... Então, essa é a Letícia.

O que a leitura representa para você?

A leitura é a coisa mais importante na minha vida, desde criança. Há pouco tempo, numa entrevista ao *Estado de Minas*, eu disse que um dos primeiros livros que li foi *Os três porquinhos*, do Érico Veríssimo, e, talvez, nessa época, eu já estivesse preocupada com os problemas sociais que mais tarde iriam eclodir de uma forma significativa em minha vida. Lembro que, quando o li, e o fiz várias vezes, eu chorava porque um era pobre e não tinha casa para morar. Depois disso, li Monteiro Lobato. Machado de Assis, na minha adolescência, como já disse, foi minha primeira leitura. E daí pra cá a leitura sempre foi um marco na minha vida. E, de preferência, literatura brasileira.

O que mais influencia você na escolha de um livro?

Depende, porque a gente, como professor, passa a vida toda lendo oitenta por cento dos livros que precisamos, pela profissão. Livros que talvez nem sejam fundamentais para nós como pessoa, ou para lazer, ou para cultura, mas com o objetivo de trabalho e de aula. Há livros que tive de reler para palestras, cursos ou orientações, que talvez nem estivessem na minha lista de releituras. Do ponto de vista dos meus interesses individuais, prefiro aquele tipo de literatura que trabalha com a linguagem juntamente com as questões políticas, do mais alto nível. Normalmente minha escolha vai por aí. Isso, do ponto de vista de livros recém-publicados; e, fora isso, livros que a tradição literária nacional e universal tenha marcado como importantes para a cultura. E daí acontecem coisas como eu ter pilhas de livros há vinte anos esperando para serem lidos.

Como fica a questão da releitura? Você acaba fazendo uma leitura diferente?

Sim. Uma leitura nunca é igual nem mesmo semelhante às que a antecederam. E ainda há uma coisa muito importante nesse caso da releitura, porque sempre você vai reler o livro pensando em elementos daquele livro como sendo utilitários para o fim com que você está lendo. Toda releitura acaba sendo um mundo novo que está diante de você, porque nenhuma leitura se esgota em si mesma. E quando eu falo em reler um livro, ele é um livro “novo”, pois vou lê-lo sob outro aspecto, outra ótica.

Você sente algum prazer com o livro?

Em muitos casos a gente pode dizer que a relação do livro com o leitor, profissional ou não, pode ser considerada uma relação erótica. Choro com a leitura de determinados livros porque me identifico com determinadas personagens ou com a visão de mundo que eles passam, como também posso rir ou ter uma atitude de neutralidade com outros. E quando eu falava dessa relação erótica, desse prazer, ele aparece quando o livro se toma para você um objeto, algo imprescindível. Muitas vezes passo oito a dez dias sem ler, por outros compromissos e, de repente, sinto que estou nervosa, diferente, que estou intolerante. Aí percebo que é porque estou há oito, dez dias sem ler literatura. Leio e isso passa.

E em que posição você costuma ler?

Olha, eu não tenho problema de coluna por milagre. Prefiro ler deitada, com o travesseiro encostado na cabeceira da cama.

Qual a leitura que mais te marcou?

O Grande sertão: veredas. Quando li esse livro, logo que ele saiu, chegando na vigésima página, falei: “Eu não consigo ler este livro. É uma linguagem difícilíssima, e não estou entendendo quase nada do que ele está querendo dizer.” E, como já tinha lido *Sagarana*, o anterior, avancei. Hoje ele é o meu livro de cabeceira. É uma obra-prima da literatura brasileira. Romance que marcou não só a nossa mineiridade, mas é significativo sob todos os aspectos, embora não

seja um romance político, no sentido estrito do termo. Não era nem para eu gostar tanto dele. Isso para vocês verem que, às vezes, a experiência política real da pessoa, as viagens e experiências pessoais, nem sempre estão relacionadas com o tipo preferido de literatura, enquanto arte.

Qual a sua atitude diante das leituras que você não compreende?

Eu vou em frente. Do ponto de vista humano, como leitora eu me sentiria humilhada em abandonar uma leitura que não estou entendendo. Quando o problema é a língua estrangeira, leio cinco linhas e vou ao dicionário... Não abandono uma leitura por ser em outra língua. Posso abandonar por outros motivos, como, por exemplo, o livro ser péssimo na minha opinião, ou, naquele momento, eu não poder lê-lo.

Você já deu aulas de Inglês para cegos. Como é a leitura dos cegos? Qual é a diferença em relação a nós, que temos contato visual com os livros?

Dei aula de Língua Inglesa, e a impressão que tive é que, da mesma forma como nós usamos o olhar com todas as suas possibilidades, eles, os cegos, têm essas mesmas possibilidades no tato. Era impressionante. Eu tinha o meu livro didático e eles tinham os deles em Braille. Muitas vezes eu ficava procurando a página, enrolada para achar algo no livro. Então um deles me dizia: “Letícia, está na página tal.” Para os cegos de nascença, não há problema nenhum de leitura.

Qual é a sua relação com os escritores?

É uma relação de inveja. Não que eu seja uma pessoa invejosa, competitiva, mas tenho inveja de pessoas que sabem fazer aquilo que eu não sei. Por exemplo, tenho inveja da minha cozinheira, porque não sei fazer nada na cozinha. Tenho inveja das pessoas que sabem nadar. Não sou ficcionista, nem poeta. Nunca fiz ficção e invejo o escritor na medida em que ele é capaz de fazer uma coisa que não sei. Agora, trabalhar sobre o texto é a minha função. Daí eu não invejar um crítico literário. Não tenho por que invejá-los.

Tenho contato com vários escritores e sobre eles há várias histórias para contar: No dia em que Jorge Amado acabou de escrever *Gabriela*, mandou buscar uma torta na confeitaria La Marquise para comemorar com a família. A torta veio embrulhada neste papel (Letícia apresenta para nós um quadro em sua sala). Eles comeram a

torta e ele pegou os originais de *Gabriela, Cravo e Canela* e enrolou no papel. Este papel me foi dado quando fui à Fundação Casa de Jorge Amado, na Bahia. A Myriam Fraga, que é a Diretora, foi me mostrar os originais, e eu falei: “Quero esse papel.” Mandei reconstituir e fiz um quadro. O Jorge Amado me disse: “Mas, Letícia, não acredito que você fez uma coisa dessas, fez um quadro com papel de torta.” Paguei muito caro para reconstituí-lo. Pedi a ele um atestado de que eu tinha esse papel. Então ele falou: “Nem! Eu não sou ridículo a esse ponto.” Esta corda era a que estava amarrando *Gabriela*. Meus amigos chegam aqui e dizem: “Mas que negócio feio, Letícia! O que é isso?” E quando explico isso as pessoas ficam admiradas.

Dentre as personagens que você conheceu nos livros, qual a que você gostaria de ser e por quê?

Nunca pensei sobre isso, mas, quem sabe, não seria a Gabriela? Talvez porque foi o primeiro livro do Jorge Amado que li. Por aquele descompromisso dela, sem amarras, sem limitações. Gabriela é cozinheira de um turco chamado Nacib, que se apaixona e deseja se casar com ela, mas ela não quer. Quer ser amada enquanto cozinheira. Eles acabam se casando, no entanto as coisas não dão certo. Ela é uma mulher livre, não no sentido de vários amores, vários homens, mas no sentido de não ter amarras... Talvez seja por isso que eu não tenha me casado: para não morar com um marido na mesma casa...

Qual é a influência da leitura no seu modo de ser?

Vou fazer uma confissão. Acho que muitas vezes sou ingênua, otimista... Alguns amigos meus acham que sou ingênua à medida que eu *acredito*, verbo intransitivo. Acredito nas coisas, nas pessoas, na possibilidade de um mundo melhor, no socialismo sob outra forma, apesar da queda do socialismo nos países do Leste da Europa. Acredito numa humanidade melhor, para todo o mundo. Acho que sou o somatório de diversas leituras, literárias ou não. Às vezes, eu me pergunto assim: “Será que não sou um livro ambulante?” Não no sentido de saber. Eu seria um livro ambulante, quero dizer, um somatório de diversas leituras, de fragmentações diversas que se

uniram para formar um todo: Letícia. Então, muitas vezes, conversando com amigos que não são da área de Letras, é comum ouvir frases assim: “Oh, Letícia, isso é literatura. Isso você leu lá nos seus romances e acha que o mundo é assim.” Acho que eles não têm razão. A literatura, muitas vezes, até antecipa a realidade...

Fale sobre a questão social na obra de Machado de Assis e sobre a ausência de Jorge Amado no curso da Faculdade de Letras.

Realmente, Machado de Assis é o grande nome da literatura brasileira (juntamente com Guimarães Rosa). E acho que, mesmo não sendo político no sentido estrito do termo, ele conseguiu recriar perfeitamente a sociedade do seu tempo, a vida da burguesia na corte, quer nos seus romances, quer nos seus contos, num alto nível de literariedade, se podemos ainda usar essa palavra. Com um trabalho de linguagem insuperável na literatura brasileira. E, quando eu falo insuperável, não quero fazer comparações: Guimarães Rosa e Machado de Assis. Acho que os dois têm seu valor marcado pela diferença, e é a diferença que deve ser levada em consideração. A importância de Machado está exatamente nessa capacidade de fazer com que a linguagem capte um real político, no sentido amplo do termo, conseguindo passar toda essa visão da sociedade brasileira do século XIX, a ponto de um dos fundadores do Partido Comunista Brasileiro escrever um livro sobre ele. Isso mostra que ele era uma pessoa politicamente engajada, mas não dessa política rasteira, partidária.

Sobre Jorge Amado há um pequeno problema de desinformação. Até 1991, a única Faculdade de Letras do País que tinha uma disciplina chamada Jorge Amado era a nossa. Entretanto, ela foi dada por um só professor, que resolveu se tomar seu dono. Apesar de ser uma boa pessoa, era de difícil relacionamento. Conhecia profundamente a obra de Jorge Amado, mas não conseguia interessar os alunos.

Jorge Amado é visto com uma certa discriminação pela academia, não a de Letras, mas a academia brasileira, pelos acadêmicos do Brasil. A maioria dos professores não gosta dele, alegando não existir

boa criação de linguagem nos seus textos. Penso que isso é mesmo unia discriminação.

Há uma outra situação que deve ser considerada. Uma questão histórica. Tão logo o Jorge começou a escrever, e quando publicou os seus livros mais importantes, ele era uma pessoa muito atuante dentro do PCB e tinha acesso a editores e tradutores de outros países. Ele começou a ser traduzido e lido em países do Leste Europeu, União Soviética e outros, pelo fato de escrever livros politicamente corretos, no bom sentido. Depois que se desligou do PCB, isso continuou de alguma maneira, porque também foi publicado por grandes editoras que tinham *marketing* muito bom. Ele soube se promover internacionalmente. Tem amigos pelo mundo inteiro. Então, muitas vezes a crítica literária achava que a faina de Jorge Amado estava vinculada ao fato de ele ser membro do PCB.

Desde quando você se considera leitora?

Acho que desde que fui alfabetizada. Quando entrei para a escola, já sabia ler. Eu tinha uma prima mais velha, que morou algum tempo com a gente, e que, brincando de escolinha comigo, me alfabetizou. Porém eu não saberia dizer qual foi o primeiro livro que li.

Você já leu livros censurados?

Vários... Em todos os aspectos. Censurados por questões políticas e eróticas. Estudei em colégio interno de freira durante dois anos e meio, e nós não podíamos ler livros que eram chamados eróticos. Entretanto, eu lia o Marquês de Sade, interna no colégio, por intermédio dos namorados de minhas amigas. Ainda naquela época de colégio interno, havia os proibidos, não por questões eróticas ou políticas, mas religiosas. O Vaticano tinha uma lista de livros proibidos, chamada Index, e muitas vezes não havia problemas nem eróticos, nem políticos nos livros. Estavam nessa lista e éramos proibidas de ler. *Euríco, o presbítero*, de Alexandre Herculano, trata de um amor impossível entre um padre e uma mulher. Ele entrou na lista de livros proibidos do Vaticano, e quem o lesse seria excomungado.

Também li livros politicamente proibidos. Na época da censura política, eu tinha livros na minha casa com outra capa, porque, se a polícia fosse lá, como foi à casa de amigos, e invadissem a biblioteca, não ia descobri-los. Me lembro que eu tinha o *Diário* de Che Guevara, com a capa de um livro inocente, um livro francês de educação. Ler livros proibidos, eu lia, mas com esse cuidado.

Qual é a sua relação com a Sociologia? Como e por que você trouxe a Sociologia para a análise da literatura na Faculdade de Letras?

Quando iniciei minha carreira na Universidade, era o auge da ditadura militar. Os professores em sala de aula não podiam tratar de questões políticas. As análises literárias procuravam focalizar a obra em si, em seus valores estéticos, coisas bem distantes e desvinculadas do contexto sócio-econômico. Sempre fui politizada e tinha sofrido muito anteriormente, com a queda do governo João Goulart. E, quando cheguei à Universidade e encontrei aquele medo, resolvi enfrentar a coisa e fazer realmente um tipo de análise política, de conscientização dos alunos, que nem sabiam o que era ditadura, nem coisa alguma relacionada com questões políticas, porque não tinham acesso aos meios de livre comunicação. E foi por essa razão que comecei a trabalhar a Sociologia.

Quantos livros você publicou?

Quatro. O primeiro foi a tese de doutorado, sobre Graciliano Ramos. O segundo se chama *Escritos de literatura brasileira*. Aliás, o primeiro livro ganhou a menção especial do prêmio Fernando Chinaglia, que é um prêmio importante, no Rio. Ele não ganhou o primeiro lugar porque me passou despercebida uma espécie de rodapé, com o meu nome, e quem leu pôde me identificar como autora; então, pelas normas do concurso eu não podia tirar o primeiro prêmio. Foi criada uma menção especial para eu levar alguma coisa. O segundo teve dois prêmios: um da Academia Brasileira de Letras e outro da União Brasileira de Escritores de São Paulo. O terceiro livro se chama *Ensino de literatura no segundo grau*, publicado em Porto Alegre, pela Mercado Aberto. É um nome comercial. Aliás, os títulos dos meus livros eu não pude escolher. Os editores é que o

fizeram. A única exceção foi a tese para professor titular, sobre Avelino Fóscolo, cujo título foi mantido por uma questão simples: foi publicada pela Editora UFMG. Nesse caso, não havia problemas de mercado. Acabou havendo um outro problema sério com o livro. Não houve lançamento e não se vendeu quase nada porque, quando ficou pronto, a Universidade estava no meio de uma greve. Logo depois que a greve acabou, a editora me ligou perguntando quando seria o lançamento e eu não o quis. Não fazia mais sentido, porque já havia sido publicado há mais de cem dias. Uma greve não pode prejudicar o professor, tem que ser a favor dele. Me senti prejudicada. Foi um “filho” que eu acabei deixando de mão.

Quais os escritores que você conheceu?

Vários. Autran Dourado, Rachei de Queirós, João Antônio, Ricardo Ramos, Lygia Fagundes Telles, Nélida Piñon, Carlos Drummond e outros. Aqui em Minas quase todos. Era amiga do Murilo Rubião e do Osvaldo França Júnior, que já morreram. E atualmente posso dizer que sou amiga do Carlinhos, o Carlos Herculano, autor de *A dança dos cabelos*, do Jorge Fernando dos Santos (responsável pela página de livros do *Estado de Minas*), do Antônio Barreto, poeta, autor de *A barca dos amantes*. No Rio Grande do Sul, o Moacyr Scliar. De modo geral, os escritores são muito vaidosos, no bom sentido. Isso significa que querem ser queridos, estudados, ter teses e dissertações sobre eles e, quando estão diante de uma professora de Literatura, realmente dão toda a atenção, uma vez que jogam no presente e também no futuro. Assim, professores de grandes universidades têm acesso aos grandes escritores. O fato de ter vários amigos escritores não é mérito meu. Outros professores de Literatura têm. Alguns não têm por temperamento, são acanhados, tímidos.

Você acha que um mundo sem palavras seria possível?

Não sei. Há duas coisas aí. Primeiro, nós estamos no fim da civilização escrita. O que entendo por isso? Outros tipos de códigos informacionais seguramente, mais cedo ou mais tarde, vão surgir. Dai o baixo nível de leitura no mundo de hoje, em todos os países, de primeiro a terceiro mundo. Você pode dizer que nos países de terceiro mundo é falta de grana para comprar livro. Não. Porque as bibliotecas também estão vazias, haja vista a propaganda da TV Cultura para as pessoas as freqüentarem. E há outra coisa também que me parece ser o termômetro para entender a questão. Não sei se vocês já tiveram oportunidade de ver uma criança na frente de um computador quando ela conhece seus rudimentos, ou diante de uma televisão *com videogame*. A agilidade daquela criança para perceber movimentos, números, códigos, espaços e objetos, e movimentar o controle é uma coisa impressionante. O adulto fica embasbacado. Agora, se você põe, naquela mesma tela, um texto com frases para a criança ler e depois contar o que está ali, você vai ver a dificuldade que ela tem

para perceber aquela mesma mensagem escrita, se comparada com a facilidade que ela tem diante dos jogos. Então, a gente tem que pensar: um mundo sem palavra seria um mundo sem comunicação, se considerarmos apenas a palavra escrita. Quer dizer, esse mundo sem comunicação não é possível imaginar – não consigo imaginar um mundo em que a comunicação primordial, não entre pessoas, mas entre pessoa e máquina, se dê sem a palavra. Estamos partindo para um outro tipo de sociedade em que a escrita, a literatura, o livro tal qual compreendemos hoje vão ser superados. Tanto é que já temos livros em vídeo, em CD. E aí, como é que fica o relacionamento da pessoa com a palavra escrita, que só é passada através de máquina? Como serão as bibliotecas do futuro? Você só vai ter contato com vídeos, CD's, filmes? Como vai ser o objeto livro? O que é fundamental é perceber isso, não é? A queda do nível de leitura no mundo inteiro é muito grande e você não pode atribuir isso a apenas outras formas de lazer às quais as pessoas se dedicam. Não é por aí. Existem outras coisas, mais do ponto de vista antropológico e também planetário, para justificar por que a leitura está decaindo assustadoramente.

Gostaríamos que você nos falasse agora sobre a relação da literatura, da música e do cinema, nos últimos anos no Brasil, e também sobre a questão da poesia na música. Você acha significativa hoje?

Sim, em se tratando da música popular. O Caetano Veloso e o Chico Buarque são dois grandes poetas. Poetas que fazem poesia especialmente para ser cantada. Eles são os grandes trovadores brasileiros de hoje, e quando eu falo “trovadores” estou pensando naquela poesia medieval, cantiga de amigo, cantiga de amor, que era uma coisa altamente elaborada para a época. O Caetano também prestigia poetas, poetas não musicólogos, digamos assim, como foi o caso, por exemplo, de poemas do Gregório de Matos, do Haroldo de Campos e outros. Mas faço uma diferença poeta, stricto sensu, e o poeta que faz poesia para ser cantada, para ser musicada. Isso para mim é fundamental.

Houve filmes no Brasil que foram bem sucedidos mesmo sendo adaptados da literatura. Quais desses filmes você apontaria como bem adaptados e qual você achou que foi fiel à obra?

Essa questão é muito importante e coloca uma outra que a antecede: há um erro de avaliação das pessoas, ou da maioria das pessoas, em achar que, quando se faz um filme baseado num romance, você vai ter que cobrar do filme o que é o romance. O cinema e a literatura são artes distintas, que usam diferentes materiais. Então você tem que ver o cinema enquanto cinema, e o fato de um filme reproduzir um livro mais ou menos igual ou diferente não é uma questão para ser julgada. Você tem que ver de que maneira uma nova arte, uma outra arte que é o cinema, captou uma segunda realidade da realidade que é o romance, porque, a bem da verdade, o filme montado está recriando o romance, que por sua vez já é uma recriação de uma dada realidade. Então, se você pega, por exemplo, o filme *São Bernardo*, do romance *São Bernardo*, do Graciliano, do ponto de vista de relação com o romance, para mim, foi até um filme desagradável de assistir, porque ele é tão colado ao romance que se é capaz de saber o que a personagem vai falar dali a pouco, o que vai acontecer, tal é a colagem do filme no romance. Mas, por outro lado, se você julga, por exemplo, o papel do Othon Bastos, ou da Izabel Ribeiro, a questão da iluminação, a questão da direção, você vai ver que é um filme maravilhoso; e no entanto ele é colado ao romance. Vou dizer que ele não presta porque repetiu o romance? Não é por aí. Você tem que o analisar enquanto cinema. Você não analisa o romance pelo tipo de realidade que está dentro dele, mas sim pela forma como ele consegue recriar essa realidade; porque, se não fosse assim, um romance sobre favela seria um romance péssimo, porque favela é um negócio péssimo.

É interessante que há muitos críticos contra as adaptações. É um preconceito, como as adaptações para a tv, só para citar uma: Grande sertão: veredas. Ali, muitas pessoas podem ter despertado para a questão da literatura. Foi muito comentada na época, também, a Bruna Lombardi como Diadorim.

Vocês conhecem o diário que ela escreveu quando fez a minissérie, mostrando suas experiências enquanto Diadorim? É um outro tipo de experiência. E não conheço nenhuma igual. O próprio ator diarizando o seu contato com a personagem. Mas o que às vezes a crítica faz, e eu também, é a crítica a uma outra coisa: é o fato de, lamentavelmente, muitas pessoas, ou a maioria delas, só lerem o livro porque está passando uma minissérie, uma novela na televisão.

Mas não é melhor que a pessoa leia porque está passando na tv, do que não ler e as bibliotecas continuarem vazias?

Exatamente. A minha teoria é a seguinte: é preferível uma pessoa ler qualquer coisa e por qualquer motivo, a não ler nada. Acho lindo quando entro num elevador e tem uma ascensorista lendo *Sabrina*. Se aquela moça ali, de dezessete ou dezoito anos, está lendo *Sabrina*, quem sabe quando ela tiver trinta vai ler *Grande sertão: veredas*? Porque a leitura, também, é um hábito.

Então é preferível ler qualquer coisa a não ler nada. Não sou radical nesse ponto. Quando alguém se coloca diante da leitura nos seguintes termos: “Se eu não leio o que você considera porcaria, não vou ler nada”, respondo:

“Então tá, lê porcaria, melhor que ler nada. Vai ler porcaria sim. Quem sabe da porcaria você não passa para coisa boa?”

Depoimento

Entro no túnel do tempo: Faculdade de Letras, agosto de 1971. Início meu primeiro semestre como professora da UFMG, depois de alguns anos de experiência em uma escola particular. Começo pela Teoria da Literatura, só na Graduação. Três anos e meio depois – Literatura Brasileira, também no mestrado. E, mais recentemente, Literatura Comparada para estudantes do doutorado. Saindo do túnel e fazendo um balanço do que ficou para trás, o saldo positivo é bem maior. Um número significativo de ex-alunos – aí incluindo os de 1º e 2º graus hoje são professores da própria Faculdade, de outras faculdades e colégios – em Belo Horizonte e em muitas cidades mineiras. Um terço dos docentes do nosso Departamento de Letras Vernáculas foi aluno meu. Não tenho vergonha de dizer que seu atual chefe – José Américo – e a chefe eleita – Eliana, foram meus alunos de literatura... na Escola Estadual Milton Campos! Para quem não me conhece pessoalmente, essa inconfidência pode dar a parecer que sou avó de alguma dinossaurinha. Entretanto não me sinto velha; ao contrário: acho que tenho bastante energia e me vejo aposentada só no papel. Se, por um lado, não estou dando mais aulas, por outro lado, neste mês e meio de aposentadoria, mal tive tempo de pôr minha vida em dia: compromissos de entrega de textos para publicação, e um livro já prometido a editora. Como leitora obsessiva, passei à frente desses trabalhos um monte de leituras e releituras, a menor, de 500 páginas. De uma grande lista de esperas, e sem obedecer à ordem de chegada, chamei *Clarice*, da Nádya Gotlib, *Chatô...* do Fernando Morais, *O tempo* e o *vento*, do Érico Veríssimo.

Há uma tendência natural entre as pessoas que se aposentam de pensar que o seu local de trabalho ‘acabou’, pensamento que, a bem da verdade, reafirma o desejo inconsciente do aposentado valorizar-se, de considerar-se insubstituível, de evitar o esquecimento de seus colegas e alunos. Não penso assim. Tenho certeza de que, na área de Literatura – que é a que conheço – o Departamento a que pertenci conta em seus quadros muitos valores jovens – docentes tanto substitutos quanto definitivos – de grande talento, com muita disposição para o trabalho acadêmico e, principalmente, com selvagem amor aos livros e à literatura.

Minha experiência de leitora sempre teve a sua riqueza e a sua angústia. O lado profissional e a ótica desejante. Um professor de literatura geralmente não é dono do seu ato de ler. Quantas vezes ele tem de usar o tempo disponível para a leitura ou releitura de determinados livros, em função de uma aula, um seminário ou uma prova, quando o seu desejo está concentrado em outros textos, textos esses que talvez jamais lerá!

Daí o perigo de você entrar na sua biblioteca à noite. Dezenas de livros lá estão, intocados nas estantes, num apelo sedutor, olhando para você, e você não quer enxergá-los, temendo ser seduzida, abrir-lhes a primeira página ou o

índice, escolher uma, levá-lo para a cama e saber que é madrugada porque o galo cantou. Noite antecedida de uma manhã cheia de aulas, sobre outros livros que você, tendo-os lido ou não, deixou de amar em sua volubilidade de leitora eternamente insatisfeita e infiel. A vontade é capturar para a sua maravilhosa noite um daqueles objetos de desejo e, de manhã, entrar li na sala e dizer ao alunos que, lamentavelmente, o conteúdo da aula programada ficará transferido porque um assaltante entrou na véspera em sua casa e levou a obra completa dos cinco mais importantes poetas românticos!

Ladrão de livros? Quem nos dera! É claro que os seus alunos não vão acreditar, mas certamente vão julgá-lo brilhante pela cara-de-pau de inventar tal história! E você ficará tão feliz quanto José Mindlin, grande empresário e dono da maior biblioteca de literatura do Brasil, quando seu seqüestrador, mantendo-o prisioneiro nessa biblioteca, pegou a primeira edição de *Os Lusíadas* (sem saber do que se tratava) e jogou-a no chão ao invés de guardá-la na mochila.

Letícia Malard

junho de 1995

Algumas publicações de Letícia Malard

Ensaio de literatura brasileira: Ideologia e realidade em Graciliano Ramos. Belo Horizonte: Itatiaia, 1976.

Escritos de literatura brasileira. Belo Horizonte: Comunicação, 1981.

E4nsino e literatura no 2º grau; problemas e perspectivas. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1985.

Hoje tem espetáculo, (Avelino Fóscolo e seu romance). Belo Horizonte: PROED/UFMG, 1987.

Tabajaras Ruas. Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro, 1989.

Entrevista realizada por Adriana Nascimento, Márcia Mônica da Silva, Maria Libéria e Maria do Carmo Freitas

A Ficção é uma das Caras da Verdade

Júlia-toda-azul. Daí surgiu o mistério. Ela veio se infiltrando bem de mansinho, como um destino certo e irremediável. Onde a explicação, a resposta? A questão: qual a cor-toda de Lúcia?

Procuramos uma possível revelação em dados concretos. Nascer no Rio de Janeiro resplandece amarelo, com praia e mormaço. Fazer graduação em Letras na UFMG carrega a nostalgia e a paixão do violeta. Depois, obter título de Mestre em Literatura Luso-Brasileira exala o desejo do vermelho levemente ornado pelo entre-verde que vegeta da Indiana University. O título de Doutora em Literatura Comparada é traiçoeiramente laranja, com certos fios femininos cor-de-rosa. E ainda: pós-doutorado de um dourado místico em Portugal, e uma filha-todinha-azul.

No prisma do caminho, todas as cores cegam de intensidade quase adivinhada, quando o enigmático branco do nome condensa em si a imagem da pura luz.

Fale um pouco sobre a sua família.

Bem, minha família não é uma família de intelectuais, como seria talvez de se esperar, é uma família de comerciantes, do lado do meu pai, pessoas que tiveram de parar de estudar mais cedo. Na família da minha mãe, não há intelectuais, mas a maioria é artista. Pessoas que mexem muito com música, cantores, publicitários. Meu avô paterno tem muitos livros publicados. Um trabalho com a poesia. Tenho um irmão que é engenheiro, músico. Ele toca violão. Já teve grupo de música. É ligado à música, assim como minha filha. Ela estuda desde os seis anos no Centro de Musicalização Infantil da UFMG. Engraçado, minha família tem mais a ver por aí, pelo lado musical.

Você morou no Rio até quando?'

Morei no Rio até 74, aí meu pai veio para Belo Horizonte. A minha formação acadêmica mesmo foi toda em Belo Horizonte, como a Vera Casa Nova diz: virei uma “mineiroca”, tive metade da minha

vida lá e metade da minha vida aqui. Saí daqui algumas vezes, estudei fora, mas até hoje quando vou ao Rio de Janeiro me pergunto: “Meu Deus! Como posso não viver aqui?!”. Apesar da loucura, eu olho pra lá e digo: “Essa cidade é bonita demais!”

Na sua casa já existia um ambiente de leitura?

Não, não tinha este ambiente não. Meu avô paterno é que era um cara ligado nessa coisa da escrita. Eu diria mais da escrita que da literatura: vivia fazendo palavra-cruzada. Quando morreu, estava fazendo um dicionário de palavras esdrúxulas. Ele tinha uma coisa com a palavra, não sei se com a literatura. E colecionava revistas, coleções como essas da Abril. Lembro da *Conhecer*. Eu tive este ambiente de leitura mais com o meu avô, que não morava com a gente, só veio a morar um pouquinho, já no final da vida dele.

E o seu pai?

Meu pai, não. Ele não tinha esse ambiente literário, mas ele incentivava essa coisa da escrita. Eu lembro que quando comecei a me entender por gente aos nove anos de idade – comecei a escrever. Escrevia desenfreadamente. Aí, uma vez, eu pedi pra ele comprar um caderno pra eu escrever poesia. Ele disse: “Isso mesmo, minha filha, vai escrever poesia ao invés de namorar.” Eu fiquei achando, durante muitos anos, que as duas coisas eram incompatíveis. Quando descobri que em possível fazer as duas coisas, foi melhor. Meu pai era assim: ele não tinha esse ambiente literário, mas incentivava. Comprava coleções inteiras de Monteiro Lobato.

Nessa época, aos nove anos, o que você lia?

Eu era superligada em contos: contos de Andersen, Monteiro Lobato e uma coleção de que, na minha época, todos gostavam: *O Mundo da Criança*. Eu tinha uma coisa violenta com essa coleção. Era isso. Nunca fui muito de quadrinhos. Quer dizer, não era, porque depois, na adolescência, quando descobri que fazer poesia e namorar era possível, fui viciada em fotonovelas. Lia tudo. Os meus quadrinhos foram as fotonovelas.

Qual a relação que você tinha com o aspecto físico dos livros: as ilustrações, as letras...?

Tinha uma transa com ilustração muito forte. Essa coleção *O Mundo da Criança* não era uma coleção muito ilustrada, como aquela mais antiga de Monteiro Lobato. Parece que a ilustração foi ganhando mais espaço de lá para cá. Porque hoje você compra um Monteiro Lobato, por exemplo, só tem ilustração. Acabaram com o perfil que tem lá dentro, horrendas aliás as Ilustrações. Não havia tantas. Mas eu sentia falta. Eu lembro que as minhas memórias dos textos eram através das ilustrações. Por exemplo, aquele texto da ervilha, sabe qual é? O da princesa que sai numa noite, aí cai uma tempestade e ela fica totalmente desgrenhada e bate num castelo, no castelo do príncipe real. E o príncipe real estava a fim de achar uma princesa para se casar, mas ela tava toda desgrenhada, não parecia uma princesa. E a mãe do príncipe resolve submetê-la a uma prova, colocando-a pra dormir sobre vinte colchões de pena de ganso. Debaixo dos vinte colchões de pena de ganso, ela coloca uma ervilha. A princesa então dorme lá, bem em cima dos vinte colchões. No dia seguinte, a mãe do príncipe pergunta: “E aí, você dormiu bem?” A princesa responde: “Ah! Mais ou menos, tinha uma coisinha me incomodando.”

Esse era um conto que eu adorava, que me causava uma coisa assim interessante. Depois, quando fui escrever sobre a escrita feminina, a primeira coisa que eu usei foi essa imagem da ervilha debaixo de vinte colchões de pena de ganso. Mas ele me capturava muito por causa da imagem do desenho: aquela mulher dormindo em cima daqueles vinte colchões, todos fofos assim, e ela lânguida, lá em cima! Então, essa coisa da imagem, pegava muito.

Qual foi o primeiro livro que te chamou a atenção?

Quando eu comecei a ler desesperadamente, eu tinha mais ou menos uns doze ou treze anos. Meu irmão é mais velho que eu dois anos. Então tudo que ele lia me influenciava. Depois não. Engraçado, meu irmão é um cara que fazia Engenharia, mas era um tremendo leitor. Muito estudioso, sempre foi meio gênio assim, sabe? Mas eu me lembro que o primeiro livro que eu li, aos treze anos, um adulto, que

não era mais coleção infantil, foi *O Apanhador no campo de centeio*, um livro ou até começou a ser retomado há pouco tempo. É um livro completamente impactante, ainda mais para uma pessoa de treze anos de idade – uma história meio marginal de um adolescente. Foi um livro que me abriu para uma leitura diferente daquele universo infantil. Aí, entrei numa crise que, acho, era a crise daquela época: lia tudo aquilo que fosse meio místico-transcendental, entendeu? A gente começou a ler Hermann Hesse, *O lobo da estepe*, Aldous Huxley. Depois veio a fase de ler um cara que seria o Paulo Coelho daquela época, mas bastante mais sofisticado, que era o Castañeda: meio bruxo, narrando suas experiências com drogas no México. Aí, eu comecei a ler ficção científica. Fazíamos umas incursões meio malucas: entrava um pouco de ficção, misticismo, filosofia, orientalismo. O meu princípio de leitura foi muito por aí, não foram os clássicos, nada pelo lado literário.

Onde você estudou e como era o ambiente da escola em relação às leituras?

Eu estudei no Instituto de Educação, no Rio de Janeiro, que na época era uma escola muito interessante. O Instituto de Educação era uma escola de vanguarda, experimental, servia de modelo. E olha que era do Estado. A escola tinha muito espaço, sobretudo quando eu voltei para fazer o normal. Lá tinha os eventos da Semana de 22: fazíamos queima de poemas do Olavo Bilac, líamos Oswald de Andrade em voz alta. Tinha um professor de música muito louco, que fazia umas *performances* com textos e música concreta de fundo, sabe? A escola tinha um coral importante, tinha um teatro importante, todo um ambiente artístico-literário. Apesar de estarmos no Instituto de Educação, a vinculação nossa era muito mais com a escrita, com a literatura, do que com o magistério.

E como vocês faziam a sua leitura de mundo numa época de efervescência político-cultural?

Eu mesma não era uma pessoa envolvida com política, mas conhecia muitas pessoas que eram. Eu fiz o Instituto de Educação em 1968. O meu irmão estudava no Colégio de Aplicação. Havia um movimento

muito grande dos professores na UFRJ, que contaminava muito o Colégio de Aplicação. Então havia, por incrível que pareça (para você ver como é que a gente piorou), gente do ginásio e do 2º grau completamente envolvida com política. O meu irmão tinha um amigo que nessa época desapareceu, era da 8ª série. O meu pai nessa época ajudou a esconder panfletos revolucionários lá em casa. Escondia atrás da mesa, atrás do armário. Isto porque uma vizinha, nossa amiga de infância, que estava envolvida até com o seqüestro de um embaixador, foi extraditada. Viveu no Chile durante muito tempo. Ela, aliás, é uma pessoa que balizou muito a minha formação. Mas não na política e sim na área literária: ela me emprestava livros. Eu me lembro das passeatas que ocorriam em 68 – e a gente na escola sem poder sair. Tinha esse clima político bem tenso na época da ditadura. Mas não fomos envolvidos diretamente com política, nem eu nem meu irmão.

Como foi sua passagem do Rio de Janeiro para Belo Horizonte? Foi difícil a sua adaptação?

Foi dramática. Há vinte anos atrás, Belo Horizonte era muito diferente, a cidade era triste. Sem mar. Eu me lembro que as pessoas tinham uma preocupação muito grande com o sobrenome, uma preocupação que não existia no Rio.

Como foi a sua opção pelo curso de Letras?

Os fenômenos da linguagem sempre me interessaram, nunca quis ser professora. Eu vim fazer Letras por causa da escrita. Achava que aqui eu encontraria pessoas interessadas em literatura e que, assim, eu poderia melhorar a escrita. Me enganei tremendamente.

Fale um pouco sobre a primeira tese. Você teve muitas dificuldades?

Não havia, nessa época, muita informação sobre monografia, tese, citação, fichamento. Era tudo feito de maneira meio selvagem. Então, saí diretamente da graduação e fui para os EUA. Lá, não tive nenhuma orientação nesse sentido. Fazia uns fichamentos meio caóticos. Como eu fiz noventa por cento da pesquisa nos EUA, iniciei a escrita da tese lá e terminei aqui, no Brasil. Eu já estava com tudo

muito adiantado. Porém, havia copiado o número errado das páginas de alguns livros, tinha citação incompleta e, às vezes, faltava a referência bibliográfica da edição com a qual eu havia trabalhado. Então, esta parte de fichamento foi quase um trabalho perdido.

Já nesse período você sentiu uma certa sistemática sua em termos de trabalho? Por exemplo, você faz apontamentos no próprio livro?

Sempre fiz. Sempre escrevi em livros. Os meus livros são completamente escritos. E sou assim, tão maníaca com isso, que escrevo até no livro dos outros. É um problema sério, depois eu saio apagando. Agora estou com uma edição chiquérrima de Guimarães Rosa, o livro é de uma orientanda minha. Sabe aquela edição em papel bíblia? Pois é, não vou sair escrevendo naquilo para depois apagar e rasgar tudo. Então, eu fico marcando assim: xizinho bem pequenininho pra depois poder consultar. Seria muito mais prático pegar um papel e sair anotando do lado, mas Deus me livre de fazer isso, porque livro você pega e leva pra qualquer lugar. Onde cê tá, pintou uma idéia ali naquela hora, você anota, Nem sempre a gente tá com papel ou com o caderno de anotações à mão.

Quando você voltou para o Brasil, qual era seu interesse naquele momento? Já era a escrita feminina?

Não. Foi o seguinte: eu fiz a tese de Mestrado *Eros travestido*, que foi publicada depois pela Editora UFMG, mas este não foi o meu primeiro livro publicado. O primeiro foi *O que é erotismo*, que eu extraí da tese pra Coleção Primeiros Passos. Acontece que eu propus à Brasiliense fazer *O que é erotismo* e depois é que eu submeti a tese à Editora UFMG, saindo a tese como o meu segundo livro. Depois eu fiz o mesmo com *O que é escrita feminina*: extraí da tese de Doutorado e publiquei na coleção Primeiros Passos. Quando eu fazia a tese de sobre o feminino e a desmemória na literatura, eu fui escrevendo alguns artigos que eram parte da tese e publicava. A Ruth (Ruth Silviano Brandão) estava fazendo, nesta época, uma tese sobre a personagem feminina e eu sobre escrita feminina. A gente viu que os textos de certa forma se tangenciavam. Então, nós reunimos os trabalhos e fizemos *A mulher escrita*. Foi um livro escrito com o que

a gente chama de “notas parciais de uma tese”. Há pouco eu publiquei *A traição de Penélope*, que é a tese de Doutorado, mas também não é a tese igualzinha, porque é *light*, né? É a tese, só que enxugada...

Lipoaspirada?

Taí, gostei, lipoaspirada. É a tese depois de uns Vigilantes do Peso.

Qual foi a sua primeira orientadora?

Foi a Marilu, a Maria Luiza Ramos, uma das primeiras pessoas na FALE a trabalhar com a literatura e a psicanálise.

Por que o seu interesse pelo estudo da escrita feminina e da psicanálise? Foi com a Profa. Ruth Silviano Brandão que surgiu este interesse?

Meu interesse por literatura e psicanálise sim, tem a ver com a Ruth totalmente, com as aulas que eu tive com ela. Mas a escrita feminina, não. Foi uma coisa minha mesmo, particular, tem a ver com a minha vida. Na verdade os temas a gente vai descobrindo que, por mais teóricos que sejam, têm a ver com a história pessoal da gente. Então, a escrita feminina tem a ver com outras coisas que eu escrevo, outras coisas que eu vivi que acabaram originando esses estudos. Agora eu e a Ruth estamos fazendo outro livro juntas que não é sobre escrita feminina. Tem até um pedaço sobre o feminino, mas ele tem quatro partes: uma sobre memória, outra sobre erotismo, outra sobre feminino e outra sobre literatura e psicanálise. O livro se chama *Literaterras*, que é um nome retirado do segundo capítulo da *Traição de Penélope*. E eu estava fazendo uma pequena autobiografia para o final desse livro. Para isso a gente tem que examinar o que que um texto da gente tem a ver com o outro. E eu fui vendo: primeiro *Eros Travestido*, depois *O que é Erotismo*, *O que é Escrita Feminina*, agora minha pesquisa no CNPQ sobre poesia e psicose. Como é que isso tudo se relaciona: erotismo, feminino, poético, psicótico, escritura? Meu pós-doutorado foi em Portugal sobre o texto místico. Todos esses discursos: o místico, o erótico, o feminino, o poético e o psicótico são discursos que levam a linguagem ao seu próprio limite.

Levam a linguagem ao seu ponto de irrepresentabilidade, do indivisível, do inominável. Então, não é só o tema do erótico que me interessou. Não é o tema do feminino. Não é a mulher. Não é a representação da mulher. Não é tanto o tema da loucura, é a escrita da loucura, entendeu? Quer dizer, nesse limite, nessa tentativa de dizer o que tá para além da possibilidade de dizer. Acho que é isso o que reúne meus textos.

Você já encontrou resistência, nos meios acadêmicos, ao seu trabalho?

Com os alunos nunca tive problema, a não ser de acharem difíceis as teorias com as quais trabalho. Atualmente, estou ministrando uma matéria optativa sobre uma escritora portuguesa: Maria Gabriela Llansol. Na primeira aula arrumo um jeito de afastar metade da turma. Digo: “Olha, é o texto mais difícil que vocês já leram, são as teorias mais difíceis com as quais vocês já trabalharam.” Então, quem tá a fim do difícil fica, quem não tá não fica, vai embora. Porque não é questão de facilitar, não. Mas isso eu ouço muito dos alunos: que é muito difícil. Mas não há problema de rejeição, antes uma aceitação muito boa. Inclusive por parte dos colegas professores. Angela Senra foi quem sofreu mais esse tipo de dificuldade. Ela foi muito mais ousada, principalmente pela época em que ela fez a tese.

Sua linguagem teórica tende, muitas vezes, para o poético, desvencilhando-se dos moldes acadêmicos. Você enfrenta um modo de recepção diferente, devido a esta opção?

A gente enfrenta esse compromisso com a escritura, com a escrita que não seja meramente um veículo de comunicação ou um veículo de uma teoria. Uma escritura em si, no sentido mesmo que Barthes dá à escritura: a produção de um texto que tende para o poético, que tende às vezes a uma lógica paradoxal, não à lógica da doxa – como Barthes fala – a uma lógica da completude do princípio, meio e fim. Esse tipo de texto muitas vezes é recebido assim, eu já ouvi isso indiretamente, por parte dos colegas: “Ah, é muito poético, mas não tem consistência teórica.” Mas não fico chateada, não, porque eu já escutei isso sobre o Barthes também. Ou seja, se muita gente acha isso de Barthes, então eu acho que estou muito bem acompanhada. Mas o que sofre rejeição realmente não é nem o tipo de texto que eu produzo e sim o tipo de articulação. Aí, a culpada é a academia. A Ruth diria a mesma coisa pra vocês. O Freud, quando chegou aos EUA, disse pro Jung: “Eles não sabem, mas nós estamos trazendo a peste.” A psicanálise é a peste mesmo porque, é um texto que você só consegue ler se você está implicado nele. Não é como um texto

teórico qualquer. Eu acho que em qualquer texto teórico você tem que se implicar, mas no texto psicanalítico você tem que se implicar como sujeito, o que é uma outra complicação. No texto psicanalítico, à medida que você se implica, você se complica. Com esse texto você não tem a distância do texto acadêmico. O que se faz com literatura e psicanálise no País, em geral, é desastroso. No País e fora do País. A psicanálise é usada para se ler o texto como sintoma ou para ler o personagem, colocar o personagem no divã. Quando não, o autor no divã, o que é uma bobagem. O tipo de leitura que a gente vai fazer não vai por aí. Nós vamos usar a psicanálise como uma lógica, como um saber da linguagem, a literatura como um saber sobre a linguagem. Por isso Lacan nos interessa mais do que Freud. Não que Freud não interesse, porque Lacan já dizia: “Eu, quanto a mim, sou freudiano, se vocês quiserem sejam lacanianos.” É lógico que a gente tá lendo Freud, mas lendo Freud à luz de Lacan. Quer dizer: pós-estruturalismo, pós-Saussure, pós-Jacobson, pós-Lévi-Strauss. É toda uma leitura que vai passar pela linguagem mesmo, ao pé-da-letra. Lacan é um cara que tem um estilo todo próprio, uma linguagem toda própria. Trabalhar Lacan não é fácil e, de modo geral, as pessoas tiram a literatura do seu lugar. O meu trabalho e o da Ruth é de sempre colocar a literatura como o ponto-de-saída e de chegada. Não a psicanálise. Freud dizia que a literatura havia avançado muito mais que a psicanálise. Quando Freud não sabia alguma coisa sobre alguma questão, ele falava: “Perguntem aos poetas.” Ele sabia que a literatura tinha avançado muito mais e a gente acha isso mesmo, que a literatura vai iluminar algumas questões da psicanálise. Mutuamente a psicanálise talvez tenha teorizado sobre algumas coisas que a literatura ainda não havia teorizado. É um campo muito fecundo, nesse sentido, para nós. Mas recebe muitas críticas. A pós-graduação é sempre avaliada pela CAPES e é disso que dependem as coisas da pós-graduação. O curso pode ser até fechado dependendo da sua nota e, há três anos, a CAPES pediu para gente enxugar as linhas de pesquisa. Tinha linha de pesquisa demais e poucos professores atuando nas linhas. Nesse enxugamento houve toda uma política que tentou fazer com que a linha de pesquisa Literatura e Psicanálise não permanecesse. Sobretudo porque era uma linha sustentada por duas

peçoas, eu e a Ruth. Normalmente as linhas aglutinam mais peçoas. Mas o que mede a força de uma linha não é o número de peçoas que atuam nela e sim a produção desta linha. E a nossa linha só passou na reunião do colegiado porque nós provamos que ela tinha mais produção do que todas as outras: mais livros, mais orientandos, mais teses, mais participação em congressos, mais publicação, mais tudo. Bom, conseguimos manter a linha.

Literalmente?

É, literalmente. Depois veio a avaliação da CAPES: conceito A. E entre os pontos fortes do curso estava a linha Literatura e Psicanálise. Pela produção, o alto nível dos trabalhos, etc. Eu quase preguei na cara dos professores do colegiado de pós-graduação mas...

Manteve a linha...

Mantive a linha. Mas houve toda uma briga interna meio surda. Talvez por esse horror que a psicanálise causa. Primeiro: “tá invadindo a literatura”. Segundo: “esse não é o lugar dela”. É um texto que incomoda. Pessoalmente a gente assiste isso em sala de aula, com os alunos, e vê o quanto a coisa é difícil

De modo geral, nossa concepção do que venha a ser o masculino/feminino é muito restrita. Houve muitos equívocos quanto ao termo “escrita feminina”?

Houve muitos equívocos, por isso é que eu escolhi a psicanálise para trabalhar com a questão do feminino. A psicanálise é mais apropriada para trabalhar essa questão, porque não trabalha o masculino/feminino em termos de sexo biológico. O feminino e o masculino são categorias que têm a ver com a posição do sujeito no simbólico. Então, um sujeito do sexo masculino pode ser um sujeito que se coloca femininamente em relação ao simbólico. É disso que eu estou falando quando me refiro à escrita feminina. Mas é um termo polêmico. Para você ter uma idéia de como ele é polêmico: a Brasileira, em geral, dá uma receita para a gente fazer o livro da Coleção Primeiros Passos: parágrafos de oito linhas, tente conversar com o adolescente, etc. Imagina se aquilo é para adolescente do 2º

grau! Mas a gente tenta, vai tentando e vai mandando os capítulos para eles testarem a linguagem. Comigo eles sempre acharam a linguagem difícil. Mas sempre suportaram, talvez, pelo lado poético da escrita. Mas, na época em que eu fiz o livro *O que é escrita feminina*, o Caio Graco, que era o editor, brigou comigo. Ele falou assim: “Não, eu acho que *O que é escrita feminina* não é um bom título. Que tal: *O que é o feminino na escrita*? E eu briguei pelo significativo. Eu falei que eu queria cunhar esse termo com o sentido que o feminino tem na psicanálise. Expliquei que esse paradoxo me interessava. O feminino não existe, mas ele está escrito. Como que se escreve o que não existe? Como é que se escreve o indizível? É disso que eu quero falar. Se mudar o título, muda tudo. Ele não entendia muito bem, mas aceitou. Então é polêmico, foi polêmico com o editor, por exemplo, é polêmico em várias instâncias, com as feministas é o terror...

Por quê?

Porque, primeiro: elas lêem muito mal a psicanálise. O feminismo, sobretudo de herança americana, passa pela psicanálise, faz um aproveitamento da psicanálise completamente desvirtuado, mal lido e lido erradamente. O que impera nos EUA não é a psicanálise e sim uma certa psicologia do ego, que é outra coisa. Certa vez, eu e a Ruth participamos de uma mesa-redonda promovida pelo GTM (Grupo de Trabalho da Mulher) e apresentamos um projeto sobre as ensaístas francesas para ver que tipo de ensaio elas tinham feito. Veja bem: a gente estava lendo teoricamente as teóricas que se debruçaram sobre textos de mulheres. Então era um negócio denso, quase que em cascata. A gente não estava falando de literatura, mas de teoria da literatura com embasamento na psicanálise. Era um trabalho pesado do ponto-de-vista teórico. Quando nós acabamos de apresentar, a mulher que apresentava a mesa virou pra gente e falou assim: “Eu não tô entendendo nada. A primeira pergunta que eu quero fazer é se, quando vocês escrevem, vocês sentem esse vazio de que vocês estão falando. Porque eu sou escritora e não sinto vazio nenhum. Eu sou mãe e pai dos meus filhos e nunca entendi esse negócio de inveja do pênis.” A gente nem tava falando nisso, entendeu? Que coisa!

Imagina, depois da gente apresentar trabalhos difíceis, que deram trabalho pra fazer, ouvir uns negócios desses, ter que ficar explicando que pênis não é falo que falo não é pênis. Depois levanta uma mulher lá do auditório com um livro na mão e fala assim: “Jung é que é o pensador do terceiro milênio, porque Freud e Lacan foram os mais machistas que eu conheço.” Parecia que ela tava vindo com o “vade retro, satanás”. Outra dizia: “Vocês escrevem sem paixão.” Ou seja, não dá pra trabalhar com a psicanálise se a pessoa não for minimamente atravessada por aquele discurso.

Você publicou Júlia-toda-azul, um livro de literatura infantil. Há outras publicações suas em andamento, que não sejam na linha teórica?

Tenho outros livros. Um vai sair agora, que é *O fazedor de palavras*. Estou trabalhando um romance, uma novela adulta que eu estou pensando em publicar, talvez, no ano que vem, Tenho sempre essas publicações ao lado da publicação teórica.

E como surgem os insights teóricos, em relação ao poético? Há diferenças?

É um pouquinho diferente. Quanto à produção teórica, digamos que eu tenha mais controle sobre a sistematização, mas não sobre a inspiração. Uma vez que eu tive a idéia, é ela. Eu aí começo a recolher: “Ali, fulano de tal falou isso...” Mas a idéia, ela surge muito parecida com a idéia poética, eu não distingo nada. Surge assim, meio no limbo. Através de uma frase, normalmente uma palavra, um nome.

E depois você vai buscar?

É. Normalmente eu tenho um título de texto muito antes de ter o texto. Às vezes não tenho nada do texto, mas tenho o título. É ótimo! Eu dou título em teses dos outros, partes, capítulos. Eu tenho essa facilidade pra nomear.

Como surgiu a idéia d'O fazedor de palavras, seu último livro?

É um livro que tem uma história muito legal. A Marta José Boaventura, que ilustrou o *Julia-Toda-Azul*, tem um projeto muito

interessante: uma coleção que a editora Dimensão resolveu encampar – um volume sobre pintura, outro sobre música, outro sobre teatro, outro sobre literatura, etc. A Maria José fez, juntamente com o seu primo, um livro chamado *Comer um sonho*, que é a história de um pintor, o dia-a-dia de um pintor. É um livro de literatura infanto-juvenil, que pode ser usado como paradidático. Então, ela me falou desse projeto e me pediu um texto que falasse sobre o escritor. Aí, eu fiz *O fazedor de palavras*. Fiz este texto absolutamente em transe. Sentei no meu escritório, peguei um livro, peguei outro. Mas nem consultei, entendeu? Eu vou falar desse e desse escritor e comecei a escrever, a gente já tinha falado sobre o tom do livro, algo meio bíblico, tipo: “No princípio era o verbo...”. Eu comecei e já foram passando textos de outros escritores pela minha cabeça. Fiquei surpresa de ver como eu sabia textos de cor. Alguns eu ia lá rever, outros não. Fiz o livro e no final coloquei que o texto era composto por trechos de Safo, Camões, etc, etc. Eu e a Maria José fomos a três Editoras e os editores falavam que era impossível sua publicação por causa dos direitos autorais. Há trechos de Cecília Meireles, Carlos Drummond de Andrade, e seus herdeiros são muito complicados. Pediram então que eu refizesse o texto mantendo somente os dos autores mortos há mais de 50 anos. Como é que eu dou conta? Sair contando quem já morreu. A Dimensão, que amou o livro, disse que o texto estava meio fora do espírito da coleção. Que não era infantil. Embora eu tenha até lido pra minha filha. Eu faço sempre este teste com ela. Perguntaram então se eu podia transformar o tom numa coisa mais infantil. Curiosamente, na época eu estava trabalhando na orientação de uma tese sobre Manoel de Barros. Eu estava em correspondência com o Manoel e fiz uma entrevista com ele. Acabei por reconhecer na obra do Manoel de Barros a expressão “fazedor de palavras”. Vi também que eu tinha tirado dele uns três ou quatro versos. Eu cheguei a mandar pro Manoel, que se sentiu homenageado. Ele adorou o texto... mas disse que, realmente, não achava nada infantil.

Como foi a composição do livro Júlia-toda-azul? A sua filha tinha quantos anos?

Ela tinha 5 anos na época. Exatamente tudo o que eu contei naquele livro é absolutamente a verdade. A ficção é, realmente, uma das caras da verdade. O quarto dela foi todo pintado de azul mesmo. Júlia para mim era um nome que tinha uma sonoridade azul. Eu sempre imaginava uma criança que tivesse a ver com o azul. Lógico que perpassam idéias como: o azul do céu, o azul do Mallarmé, a idéia do azul como um ponto do infinito. Mas tá tudo ali. Ela nasceu no dia 21, no momento em que o sol entrava na casa de Áries. Ela, quando era bem pequena, não gostava do azul, ela dizia: “Minha cor é o cor-de-rosa.” Mas a primeira fantasia que ela escolheu foi uma fantasia de lua. Então, eu fiz uma roupa azul de cetim com as luvas coladas no céu, as estrelas... Tudo aquilo ali aconteceu. Este livro eu escrevi numa sentada. Talvez em cinco ou dez minutos. Numa sentada assim, olhando pra ela, quando ela já tinha 5 anos mais ou menos. Resgatando todo aquele sentimento que é o nascimento de uma criança. Achei que era um livro que eu estava escrevendo para as mães, muito mais do que para as crianças.

E quanto à ilustração?

Bom, eu tenho a impressão de que aquilo ali foi feito junto, de tão coeso que é. Depois, eu e a Maria José descobrimos duas coisas. Primeiro: nós nascemos em 4 de julho, no mesmo dia, não no mesmo ano. E que o meu primeiro conto foi ilustrado por ela numa das primeiras ilustrações que ela fez para a *Revista Literária* da UFMG. Ela ganhou menção-honrosa com a ilustração e eu ganhei menção-honrosa com o conto. E a minha surpresa foi que o livro *Júlia-toda-azul* foi super lido por crianças, as crianças adoraram. Depois eu achei: “se criança gostar, vai ser menina. Menino não vai gostar.” Só que os meninos gostaram muito. Depois eu achei que era um livro muito difícil, muito poético. O livro acabou sendo adotado em todo o sistema de ensino arquiocesano. São treze escolas em Belo Horizonte. Teve uma vendagem que a gente quase nunca tem com um livro infantil. Ainda mais porque ele é um livro que não dá pra ser usado nem como didático, nem paradidático, nem nada. Tudo que eu imaginava em relação a este livro foi diferente: ele é muito lido inclusive por adultos. Psicanalista é quem mais gosta desse livro, fica

dando de presente um pro outro. Mas o público infantil recebeu muito bem.

Você tocou num ponto interessante, que é legal a gente comentar: no caso de Júlia-toda-azul você imaginou um determinado tipo de público para o seu texto. Você já se surpreendeu muito com o modo como as pessoas receberam seus textos?

Ah, completamente. Já me surpreendi de maneira muito boa e muito ruim. Em geral ocorre assim: quanto mais fraco o aluno, mais ele acha que vai te agradecer se sair repetindo o que você falou. Então, você encontra isso pra caramba nas provas. Você nem precisa escrever um livro para perceber isso. A experiência de sala mostra bem esse lado da recepção. A gente pega a prova e fala: “Não é possível! Eu não falei isso!” A gente recebe coisas de um jeito completamente deturpado. Já tive experiência de aluno copiar completamente o meu texto, sem aspas, e ficar com raiva quando eu anulava a questão. Em que o aluno estará contribuindo para ele mesmo se sair me repetindo? Mas já tive experiências das mais gratificantes, de ser lida de um ponto de vista completamente diferente do que eu percebia na época, o que acrescentou muito ao meu texto, à minha experiência com aquele texto. Tive um orientando, o César, que partiu de uma idéia que eu lanço dentro d’*A traição de Penélope*, que é a questão da memória, e foi por outro caminho, fez um texto dele, que eu nem alcanço. Isto a partir de uma frase. Acho isso muito bacana.

Como são os seus momentos de descanso? Você faz esta divisão de forma estanque em relação ao trabalho?

Eu não divido muito não, sabe? Às vezes. Ano passado eu estava estafada de tanto trabalhar... aqueles textos caóticos. Pensei comigo: “Quero ler um texto que tenha começo, meio e fim”. Aí, fui ler o último do Gabriel García Marques. Não gostei muito. Mas eu gosto do Gabriel García Marques. Eu gosto de textos com princípio, meio e fim. Não é só texto caótico, não. Adoro texto de prazer. Tenho a impressão, depois de ter escrito um livro bastante fragmentado pra mim, que o próximo livro que eu vou escrever é um livro mais

inteiro. Eu quero um livro com uma história que tenha princípio, meio e fim. Mas não divido muito não, porque o tempo todo a gente está estudando.

O que você lê em suas férias?

Nas férias eu fico buscando as coisas novas que saíram e em geral eu busco a poesia. Talvez porque dê pra ler mais em menos tempo. Tenho lido muito Manoel de Barros ultimamente. Há muito tempo que eu trabalho com Manoel de Barros. Eu tive a sorte do *Suplemento Literário* me solicitar uma matéria sobre ele. Passei a corresponder-me com ele. Mas gosto de muitos outros poetas que eu vou comprando meio ao acaso. Fernando Pessoa eu sempre pego para reler. Embora o caso “Pessoa” me interesse muito mais do que a poesia “Pessoa”.

Na primeira parte da entrevista, você citou o conto da ervilha, que lhe causou certo impacto na infância. Depois você usou esta imagem em um dos seus artigos. Por quê?

Usei num artigo e num pedaço da tese que se chama “A impossibilidade da escrita feminina”. Usei da maneira mais poética possível. Eu nem sabia muito bem o que eu estava dizendo com esse negócio da ervilha. Eu fiz o texto, falando das minhas idéias sobre a escrita feminina. Idéias ainda muito esboçadas. Aí, eu terminei dizendo que aquilo me lembrava um conto e contei a história. Eu não concluí o que essa história tem a ver com a escrita feminina. Eu não faço esse fecho. Eu não sabia. Pra mim era uma coisa vaga, da ordem da imagem. Quando eu tô escrevendo, mesmo teoria, eu respeito muito isso. A coisa vem e, se ela vem ainda pouco clara para mim, ela vai aparecer pouco clara no texto. Não na linguagem, mas na imagem. Algum sentido há de fazer. Normalmente faz. Depois eu percebo ou alguém vai perceber por mim.

Você falou em conclusão. Como é trabalhada esta questão em termos acadêmicos?

Textos como os da Maria Gabriela Llansol são por si só inconclusivos. Eu não faço a conclusão. É um texto intransitivo. A

gente está, *a priori*, se permitindo pensar assim. Senão, não tem jeito. Eu acho que em cada capítulo você faz, de certa forma, uma conclusão parcial. Eu acho uma chatice aquela conclusão final que fica retomando: “Como dissemos no capítulo I”, ou a introdução que diz: “Vou dizer isto no capítulo II”. Acho irritante esse caco da escrita. Parece um trombeteiro antes da procissão. Então, a conclusão, eu acho mais bacana que ela seja breve. E que ela faça uma outra coisa. A melhor conclusão é aquela que aponta para um outro caminho. Eu não vou dar conta de tudo que um texto me abre. Ninguém dá conta! Então, ele é inconclusivo até nesse sentido. Barthes fala que a diferença entre o professor e o escritor é que o professor é aquele que conclui as suas frases. Um professor tem que concluir as suas frases. Eu nem tenho tanto tesão pela profissão de professora. Nem acho que eu seja professora nesse sentido. Talvez eu seja mais pesquisadora, escritora e por aí.

O que seria a sala de aula para você?

Acho que é o lugar onde eu falo das coisas que eu faço, coisas que me dão muito prazer, é uma extensão do meu trabalho como escritora, pesquisadora.

Como é essa questão das etapas da leitura, da escrita em relação à sua vida pessoal? Você sente certo burilamento?

Sim, eu sinto. Nesse sentido é que a idade vai dando pra gente uma certa segurança. Você sabe o que é possível fazer corri aquela escrita, dos limites. Hoje eu já leio muito menos livros que me desagradam. Antes não, eu ia atrás de tudo. Você já é muito mais seletivo. A Maria Gabriela Llansol é tão seletiva que ela agora diz que não lê mais livro nenhum. Lê algumas frases, de alguns autores, sempre as mesmas e, às vezes, só algumas palavras. Ainda não cheguei a essa radicalidade.

Você sofreu a paranóia do: “O quê?! Você não leu fulano de tal?”

Sofri, tenho ela até hoje e acho que vou morrer com ela. Não vai dar tempo de ler tudo e fora as outras coisas... ter que ler jornal... todo dia... tudo isso...

Trecho de *A traição de Penélope*.

Passadas as bordas, não há limites. Mas como ultrapassar as bordas da linguagem se as margens que nos permitem transpô-las são as mesmas que nos condenam, irremediavelmente, à existência de seres de linguagem? A saída, como propõe a escrita feminina da memória, é desterritorializar: escrever à margem, na borda de um limiar.

De dentro de um buraco. Do centro do umbigo negro da memória. Nesse lugar absurdo da mãe, da morte e do mar, onde o sujeito mergulha e do fundo de seu gozo nada diz, a não ser que o goza.

Lúcia Castello Branco

Algumas publicações de Lúcia Castello Branco

Eros travestido. Belo Horizonte: Editora UFMG, 1985.

Júlia-toda-azul. Belo Horizonte: Vigília, 1993.

O que é erotismo. São Paulo: Brasiliense, 1987 (Coleção Primeiros Passos, 136)

O que é escrita feminina. São Paulo: Brasiliense, 1991 (Coleção Primeiros Passos)

A traição de Penélope. São Paulo: AnnaBlume, 1994.

Entrevista realizada por Adriano Bittares, Anízio Viana, Halem Martins e Priscila Freitas

BACA: um caso de aMOR com a ARTE

Marcus Vinícius de Freitas, 35 anos, conhecido no meio universitário e artístico como Bacamarte, é professor de Literatura Portuguesa na UFMG.

Poeta e escritor, sua paixão pela música o levou a feitos notáveis, como o de colocar melodia em poemas de Álvares de Azevedo. Muito mais que um professor, Bacamarte é um artista.

O que significa ler para você e o que vem a ser um bom leitor?

Para mim, ler cada vez mais se toma reler. É impressionante. Apesar de eu ter 35 anos, me espanta o fato de estar sempre relendo coisas que marcaram determinado momento da minha leitura quando eu era adolescente ou estava começando a fazer o processo de leitura mais detida. Por outro lado, ler para mim sempre foi um exercício de ampliação do mundo, quer dizer, essa é a função lógica da leitura.

Quando eu tinha sete anos de idade, li um livro chamado *A chave do tamanho*, do Monteiro Lobato. Uma obra absolutamente radical. Então, eu deitava no meio dos pés de couve dos canteiros da minha casa e ficava olhando de baixo para cima, imaginando que eu era deste tamanhinho. Eu via as folhas de baixo para cima. É exatamente isso que eu acho que a leitura faz. A leitura te tira do mundo no qual você está e te propõe a leitura deste mundo por uma outra perspectiva. Talvez esse seja o grande papel da leitura. É exatamente o investimento no imaginário. É o de mostrar que o imaginário é fundamental para qualquer indivíduo.

Um bom leitor é aquele que não está interessado exatamente em saber o sentido da obra, mas saber “que sentidos eu posso construir para a minha vida e para o mundo, para as coisas que estão em volta de mim, para minha realidade, para minha história, a partir da obra”. Quer dizer, a obra tem de ser algo que faz com que, dali para frente, eu seja outra pessoa.

O que mais influencia na escolha de um livro?

Eu acho que você tem dois movimentos. Quando a gente é criança ou adolescente, escolhe os livros pela capa, pelo título, pelo jeito, se você gostou ou não... Esse é o jeito mais correto de escolher uma leitura, é deixar aparecer. Depois, quando a gente fica mediado pela teoria literária, pela crítica do jornal, pela crítica literária, isso faz com que a gente escolha alguma coisa mediado pela crítica. Acho que o grande exercício vai ser reaprender a descobrir a leitura simplesmente pelas intenções que a gente tinha quando era criança.

Quando lê, você tem costume de fazer alguma anotação, ou que critério você usa na leitura?

Não sou de fazer anotações. Anoto tudo na cabeça. Vou montando as coisas na minha cabeça, só depois decido escrever alguma coisa. Meu processo de leitura é um processo da mente com o texto, só, não uso lápis. Costumo, na sala de aula, mandar meus alunos jogarem os lápis e as canetas fora. Não acho que esse seja um exercício bom de leitura. O exercício legal de leitura é aquele em que você vai tendo e construindo coisas sobre o texto. Lembro-me sempre de uma afirmação que, se não me engano, é de Mário Quintana: “O leitor ideal é aquele que lê a primeira frase, abandonada e já começa a pensar outra coisa.” Se não for de Mário Quintana, fica sendo!

Por que você escolheu trabalhar com Literatura Portuguesa?

No final de 86, comecei a dar aulas para o 2º grau. Gosto de dar aulas para adultos. Então apareceu uma oportunidade na FAFI-BH de trabalhar com Literatura Portuguesa. Como eu gostava dessa área, aceitei. Fui aluno do mestre Ítalo Mudado, uma pessoa fantástica. Eu gostava, mas não tinha nenhuma pretensão a princípio. Fui para a FAFI, a vaga era de Literatura Portuguesa e Teoria da Literatura. Comecei a trabalhar na inter-relação entre elas. Durante o processo do mestrado isso também aconteceu, porque, quando fui lidar com as crônicas do séc. XVI sobre o Brasil, estava trabalhando com textos na fronteira da literatura brasileira e da portuguesa. Quando fui fazer concurso para as universidades, assim que terminei o mestrado em

90, fiz para a UFOP, UFMG e UFV. Dei aula nas três universidades e agora continuo aqui. Coincidentemente, todos os três concursos em Literatura Portuguesa. Acho que daqui não saio. Quero sair para fazer doutorado, pós-doutorado, mas, no âmbito profissional, me sinto muito bem.

Por que essa tendência de dialogar com o texto do outro?

Acho que a literatura se concebe no diálogo. Fernando Pessoa tem um verso que diz assim: “Todo poeta, quando escreve um poema, tem de dar a entender que antes dele existiu Homero.” Isso significa que todo poeta ou escritor, quando escreve alguma coisa, tem toda uma tradição atrás de si. Eu vi um poema publicado da Sônia Queiroz, que se chamava “Das Esposas”. Estava começando a estudar literatura. Uma das coisas que encanta alguém, quando começa a estudar teoricamente literatura, é o processo da paródia. A paródia é uma prática que se tomou a tradição da ruptura. Vamos dizer assim, como se todo jovem escritor tivesse que passar por ela. Não acho que tem de ser assim. Não tenho mais nenhum encantamento pela paródia. Mas o texto da Sônia lá estava e eu quis fazer outro texto. Fiz. O pessoal da revista *O Eixo e a Roda* gostou e publicou um ao lado do outro. Muita gente volta a esses poemas. De vez em quando, algum aluno ou amigo me diz: “Olha, eu li aquele poema que você fez dialogando com o poema da Sônia, eu gosto daquele poema.” É interessante, a Sônia tem essa questão da voz feminina e eu quis colocar uma outra voz paralela, masculina. É um exercício interessante.

Como foi a produção e a criação dos seus livros Lírica Seca e Contra Regra do jogo?

Eu tive a idéia de publicar um livro que se chamasse *Contra regra do jogo*. Ele teria duas partes: um jogo de azar e um jogo de sorte. Essa parte que tinha o nome de “Jogo de Sorte” possuía um embrião de lírica amorosa, mas em moldes minimalistas, marcados por uma poesia mais enxuta, pós-Cabral, pós-Leminski. Estava tentando construir o poema lírico, mas em moldes não derramados, uma poesia metonímica, mais substantiva. Essa parte do livro cresceu demais e se

tornou uma entidade separada, aliás muito melhor que a outra parte. Então essa parte ganhou um nome novo: *Lírica Seca*.

Qual a relação que existe entre a música e a literatura?

Toda. A primeira coisa que eu aprendi como arte, na vida, foi música. Eu brinco com o violão desde os sete ou oito anos de idade. A música tem essa coisa fantástica: é uma experiência direta. É uma experiência dionisíaca, exatamente porque não necessita da mediação da linguagem. Esse fato de ela não necessitar de uma mediação da linguagem verbal, faz com que a música seja uma experiência direta dos sentidos e da intuição do intelecto, uma experiência total. Ela passa pela configuração de possibilidades. Outro dado é que uma das coisas fundamentais em poesia é o ritmo. Quem assiste às minhas aulas de poesia ou quem lê o meu texto percebe que existe um apelo muito forte pelo ritmo. Isso está na origem da idéia de poesia. A lírica tem a ver com o canto. Então a linguagem tem sua melodia, tem a sua idéia de ritmo, a nossa fala cotidiana tem ritmo. Por outro lado, as cantigas medievais estão sempre presentes na minha poesia.

Nesse campo da música, quais as suas maiores influências?

Eu cresci ouvindo música brasileira da melhor qualidade, como Orlando Silva, Silvio Caldas, Francisco Alves. Eu acho que Orlando Silva é o maior cantor brasileiro. Acho que ninguém conseguiu fazer o que ele fez. Talvez só o Gilberto Gil, um pouco de Caetano Veloso... Gil é um grande cantor e é capaz de cantar qualquer coisa. A minha grande influência como músico, e especialmente como compositor, foi João Bosco e Aldir Blanc. A obra dos dois, ao mesmo tempo. As letras de Aldir Blanc são o que há de mais canalha e sensacional no cancioneiro popular brasileiro, talvez só Noel Rosa ou Lamartine Babo tenham chegado perto. Eduardo Dusek, de alguma forma, anda por aí também. O Chico também é uma grande referência. Eu sempre ouvi tudo do Chico Buarque de Holanda. Eu não sou caetanista. Não sou caetaneiro. Caetano é muito melhor do que os caetanistas e não merece esse excesso de badalação em torno de si. Estou falando que não merece porque ele é muito mais brilhante do que isto. Voltando ao Chico, sinto, aliás, uma força muito grande da lírica na sua poesia e na sua música. As canções dele são de maravilhosa tradição lírica. Esses dois componentes existem

dentro daquilo que eu faço na literatura e na música: o componente da lírica e o da sátira. Por isso esses dois lados. Ouvi muito *rock'n roll* quando tinha 15 anos e acho uma grande bobagem hoje. Hoje gosto de ouvir jazz e música instrumental brasileira.

Você já pensou em popularizar sua música?

É o que eu faço. Já fiz show pra muita gente, já toquei em teatro e escola. Eu gravei coisas e mandei para São Paulo, para os músicos divulgarem. Você me diz que o meu trabalho é bom. Muito obrigado! Até acredito que ele tenha algum valor. Acho que a relação entre o mercado e qualidade do trabalho não é uma coisa necessária no mundo em que a gente vive. Existe uma centena de gente boa por aí, em Belo Horizonte, que nunca vai conseguir divulgação. Não vai. Eu me coloco no ponto do bonde. Se o bonde passar, eu pego. Onde me pedirem para apresentar meu trabalho, eu mostro. Já fiz isso em congresso de Literatura, em congresso de Ciências Humanas, em escola do interior. Já fiz isso em São João Del Rey, no Iº Congresso Mineiro de Ciências Humanas, Letras e Artes. Um show para quase 500 pessoas. Eu não tenho mais essa ansiedade de querer fazer sucesso como músico. Eu já entendi que o meu trabalho é essa circulação entre música, teatro (que faço há muito tempo) e poesia. Tudo isso é uma coisa só. Se uma dessas práticas artísticas me levar a mergulhar nela, vou perder as outras e eu gosto é desse espaço de circulação.

Era uma vez

Certa vez, há muitos anos, li a história de um sujeito que dedicara toda a sua vida a ler a história de uma mulher que padecia de uma compulsão da leitura, e vivia às voltas com romances policiais, epopéias apócrifas e teorias psicanalíticas compradas em bancas de jornal. Tal mulher gostava sobretudo de um romance no qual o detetive que desvenda os crimes através da leitura dos jornais abandonava-se ao diário, esquecido dos crimes e concentrando toda a sua atenção nas notícias sobre um dicionarista que discutia com um charadista sobre os usos do xadrez, do chá e da leitura. O charadista amava ler as velhas revistas de palavras cruzadas, nas quais sempre apareciam adivinhas orientais sobre o sultão que lia a história do sultão que ouvia da amante a história de um homem que dedicara a vida a ler a história de um sujeito que dedicara toda a sua vida a ler a história de uma mulher que padecia da compulsão de leitura.

Marcus Bacamarte

Algumas publicações de Marcus Bacamarte

Contra Regra do Jogo. Belo Horizonte: Cuatiara, 1993.

Lírica Seca. Belo Horizonte: Cuatiara, 1993.

Entrevista realizada por Cláudia Rodrigues, Kátia de Assis, Luciana Antunes, Márcio Alves e Rodrigo Durval

Pelos Caminhos da Literatura

Marilu, como gosta de ser chamada a ensaísta e poeta Maria Luíza Ramos, revela um profundo amor à arte, em especial à literatura. Como crítica literária, relacionou-se com vários escritores, entre eles Manuel Bandeira, Carlos Drummond de Andrade e Cecília Meireles.

É considerada na UFMG, onde é professora, a pioneira na análise da intertextualidade, bem como nos estudos da *Fenomenologia da obra literária*. Atualmente é aposentada, mas está atuando como Professora Visitante na Faculdade de Letras, nos cursos de graduação e pós-graduação, na área de Literatura.

O que significa para você um bom leitor?

É aquele que decodifica o mundo. Aquele que lê as palavras, que lê a natureza, que lê o céu, lê o campo, lê as reações fisionômicas, lê as pessoas na maneira como elas se vestem, enfim, o bom leitor é aquele que decodifica, seja qual for o código em que a mensagem esteja cifrada.

O que a leitura representa para você enquanto acadêmica da Faculdade de Letras?

Falar no que a leitura representa para mim é voltar a muito tempo antes disto que você está mencionando, porque eu comecei a aprender a ler aos três anos de idade. Meu pai tinha morrido e minha mãe ficava ali, por minha conta. Ela começou a me ensinar, quando eu tinha 3 anos e meio, a ler e a escrever. Naquela época em que *ele* se escrevia com *ll* e *farmácia* com *ph*, você nem faz idéia. Aos quatro anos eu já sabia ler e escrever. Me tornei uma atração da família, as pessoas iam nos visitar e levavam presentes, livros. Todo mundo me dava livro de presente, eu tinha uma quantidade de livros de histórias. Eu lia muito, então, a leitura tomou-se tão importante para mim como comer, tomar banho, brincar. Grande parte do meu tempo de lazer eu passava em companhia da leitura. Por isso então ela está muito arraigada na minha vida.

Qual a importância do livro na atualidade? Como trabalhar o livro com a invasão da mídia, do computador, do vídeo? Além do contato manual, gostoso, como se poderia trabalhar o sentido lúdico da leitura hoje?

Eu acho que, apesar de toda a sedução da mídia, incluindo o computador, o vídeo, a televisão, apesar de toda essa sedução, o livro não perde seu encanto. Ele também seduz. Talvez pelo fato de ele não revelar assim à primeira vista, escancaradamente, aquilo que ele contém, como, por exemplo, o vídeo, a televisão, o cinema. Você, queira ou não queira, está vendo aquelas coisas. O livro não, você tem que se dispor a ler. Você pode ver um programa de televisão conversando com outras pessoas, o livro, não. O livro requer um contato íntimo, é um outro tipo de sedução. Isto não vai desaparecer nunca. Tem sempre dois pesos e duas medidas, não há como comparar. Haverá sempre um lugar para o livro.

Qual leitura que te marcou e por que isto aconteceu? Existem alguns autores com os quais você tem mais afinidade? Como se dá isso?

Isso de leitura que mais me marcou é difícil, nesta quantidade imensa de coisa que a gente já leu. Quando vim para Belo Horizonte, com doze anos, eu já tinha lido, lá no Rio de Janeiro, nos livros da minha avó, praticamente todo o Macedo, todo o Alencar, a não ser aqueles livros que não eram permitidos para crianças. Eu já tinha lido o Júlio Diniz, *A Morgadinha dos Canaviais*, *As Pupilas do Senhor Reitor*, *Família Inglesa*. E havia uma coleção chamada *Tesouro da Juventude*. Quanto à pergunta “qual a leitura que mais me marcou”, eu lembro assim, através desta motivação ainda da infância, que me marcou muito o *Dom Quixote*. Eu o li inúmeras vezes e acho o livro maravilhoso, importantíssimo. Infelizmente muita gente faz referência e nunca leu. Do *Dom Quixote* me impressionou muito aquele final, quando ele recusa a condição de Cavaleiro Andante, recusa o nome de Dom Quixote, recusa a condição de fidalgo e volta a ser Alonso Quijano, o bom, quer dizer, o de acordo com o contexto, com a ideologia dominante, o que faz tudo certinho, como os outros gostam. Aquilo quase me fez chorar. Acho que, se ele tivesse morrido

sem passar por esta morte simbólica, não teria doído tanto. É claro que estas coisas são muito pessoais. Eu devo ter ficado emocionada com isso pelo fato de ver que nós temos que renunciar aos nossos sonhos, nossos delírios, para nos tomarmos os bons, de acordo com o figurino. Eu não posso dizer que tenha sido o que mais me marcou, mas o fato de eu estar lembrando disso agora é significativo, você pode tomar como o que mais me marcou.

Você gosta de comentar sobre o que lê? Telefona para os colegas pra falar sobre um lançamento ou manda livros de presente?

Isto de comentar sobre o que se lê é minha profissão, uma vez que sou professora de Literatura. Mas digo profissão porque, quando jornalista, tinha obrigação de escrever sobre livros – no início uma vez por semana e, depois, diariamente. Uma vez por semana, quando eu publicava artigos críticos naquela época se falava muito em crítica literária, hoje não se fala. Havia rodapé de crítica em suplemento de jornal, na década de 50. Foi quando eu exercia essa atividade. Toda semana eu escrevia um artigo, de modo geral, sobre um livro novo. As editoras mandavam e a gente sempre estava em dia com aquilo que era publicado. Depois eu criei no *Estado de Minas* uma coluna diária que se chamava “Jornal Literário”. Na verdade eram duas colunas na segunda página, e ali eu fazia todo dia uma crônica sobre um assunto qualquer ligado à literatura e dava uma informação sobre os últimos lançamentos. As editoras mandavam as publicações regularmente e eu fiz isso durante uns dois anos e tanto, de modo que isso se tornou para mim atividade profissional. Agora, é claro que, se você vai dar um presente, você gosta de escolher o livro de acordo com a pessoa que vai presentear.

Como se dava sua relação com os escritores? Era uma relação amena, de familiaridade, ou era necessário criar um certo distanciamento para melhor trabalhar determinadas obras?

Isso nunca existiu. Quando eu fazia crítica literária, até isso foi para mim uma maneira de me aproximar de muitos escritores. Por exemplo, a editora que mais mandava livros para o jornal, endereçados a mim, e já com as dedicatórias dos autores, era a José

Olympio. E eu ia muito ao Rio de Janeiro. Principalmente naquela época, eu ia pelo menos uma vez por ano, porque tenho família lá. Então eu ia à editora. Convivi muito com José Olympio, uma pessoa muito simpática, que me colocava em contato com os escritores, quando eu fazia muitas entrevistas para o suplemento do *Diário de Minas*, onde eu trabalhava como Diretora. A Editora José Olympio foi para mim um meio de aproximação, através das entrevistas que fazia, com escritores. Quando eu ia ao Rio de Janeiro, me convidavam para almoçar, jantar, para festas, bastava dar um telefonema, e as pessoas estavam abertas a me receber. Dessa forma conheci, por exemplo, a Lúcia Miguel Pereira e o Otávio Tarquínio de Souza, que eram um casal, a Dinah Silveira de Queirós, o próprio Manuel Bandeira. O Drummond eu conheci por outro caminho. Essa atividade nunca me afastou dos escritores, pelo contrário, aproximava mais. Recebia muitos livros, de Gilberto Amado, de José Lins do Rego, tantos autores que mandavam livros com dedicatórias, isto sem falar em Álvaro Lins, Agripino Grieco, todos aqueles que trabalhavam com a crítica, de modo que foi uma forma de aproximação. Por exemplo, eu fiz aqui em Belo Horizonte, para esse suplemento, uma entrevista de página inteira com Murilo Rubião, quando ele ainda não era conhecido. Logo depois foi publicado o *Ex-mágico*. Daí nasceu uma amizade muito construtiva, uma amizade que me gratificava muito. O Murilo nunca se esqueceu disso. Eu dei valor à obra dele num momento em que não era conhecido ainda, inclusive trabalhei com os contos dele em aula na Faculdade, um trabalho comparativo com Dostoiévski, ele ficou na maior alegria. Depois é que a obra dele estourou. Fui uma das primeiras a acreditar nele. O Drummond, eu falei que conheci por outro caminho, mas o caminho foi a literatura também. O Suplemento Literário do *Diário de Minas* fez uma edição especial para o Drummond, eu escrevi um artigo, foi o primeiro artigo que eu escrevi sobre o Drummond, e ele me mandou uma carta que começava assim: “Esta carta vai assim como uma garrafa jogada ao mar, porque não tenho seu endereço”, então ele mandou para o jornal. E foi através do jornal que se iniciou uma amizade das mais gratificantes que eu já tive. Não só neste terreno literário, mas também como experiência de vida.

E quando ler para você se torna um desprazer?

De modo geral, se eu estou lendo e não gosto, eu paro. Não insisto. Agora, desprazer são os ossos do ofício. Quando você é obrigado a ler certas coisas, corrigir trabalhos, isto, às vezes, pode ser um desprazer. Mas ler, de modo geral, para mim, é sempre um prazer, mesmo quando estou lendo uma coisa que não me interessa muito, por exemplo, profissionalmente, se eu tenho que corri um texto, também tenho prazer nisto, porque sei que estou ajudando, corrigindo. Mas às vezes é coisa demais, você tem tempo marcado, são ossos do ofício. Só neste sentido.

Você consegue imaginar cenas de leitura na Grécia Antiga, na Idade Média e no final do século XIX? Como elas seriam?

Bem, esta pergunta na verdade é enciclopédica, mas vou tentar costurar uma resposta. Na Grécia Antiga, em primeiro lugar, eu não imagino uma leitura, porque na Grécia Antiga, a literatura, que era a poesia, se transmitia oralmente, pelos rapsodos. A epopéia era recitada, cantada, acompanhada de instrumentos, então eu imagino desta maneira, não imagino ninguém lendo a *Odisseia*. Jamais. Isto não existiu. Agora, na Idade Média eu vejo as pessoas encantadas com as iluminuras, com aquele trabalho todo gráfico, aquela ilustração dos textos. Eu acho que uma leitura na Idade Média é mais por aí, pelo desenho, eu não concebo naquela época um livro sem ilustração, sem aquelas iniciais enormes, bordadas. E por aí também a imaginação passeia, faz parte integrante do texto, isto é um texto também. A leitura, na Idade Média, eu imagino em conjunto com as artes plásticas, arte da iluminura. E no século XIX já imagino a leitura do texto mesmo, do texto escrito e não ilustrado. Eu já imagino a leitura nesta relação que a gente tem hoje de pessoa com o livro na mão, na intimidade do texto escrito, sem as ilustrações da Idade Média. Eu vejo a leitura do século passado como ainda uma leitura oral, porque não havia televisão, nem cinema. As famílias à noite precisavam distrair-se, então se reuniam para ler os romances, os folhetins, que eram a novela daquela época. Cada dia ou cada semana se publicava uma parte. José de Alencar dá um testemunho

muito bom disso, ele era o leitor, não era o leitor, era o leitor da família, porque a ele é que cabia ler, quando a família se reunia à noite pra um serãozinho. E ele então lia para a família. Um depoimento que eu tenho também é do Agripino Grieco. Ele também é que lia para a família. E lia o quê? *A Divina Comédia*. O pai, que era italiano, entendia alguma coisa. A mãe não entendia nada, mas dizia para ele: “Meu filho, eu não entendo, mas vejo uma estrela.” Ora, por onde ela via essa estrela? Ela via pela arte de declamação dele, que já é uma outra arte – o dizer um texto, que hoje em dia quase já não se cultiva, a não ser através dos meios de comunicação. Mas a poesia não tem espaço na mídia, hoje a arte dramática é muito divulgada, mas a recitação, a declamação não é. Quando eu era menina, a gente recitava demais. Eu sabia uma infinidade de poemas, e isto me valeu muito para o meu trabalho. Quando li o “Satélite”, do Bandeira, eu vi que ele estava dialogando com a “Lua de Londres”, do João de Deus. Isto porque eu sabia o poema de cor e, quando li Bandeira, reconheci ali “Lua Romântica”. Quando eu li o “Anoitecer” do Drummond – “É a hora em que o sino toca mas aqui não há sinos/ É a hora em que os pássaros voltam...” – eu já tinha recitado muito o “Anoitecer” de Fagundes Varela – “E o sino plange Ave Maria” – ou do Raimundo Correa – “Vai-se a primeira pomba despertada/ Vai-se outra mais e quando à tarde elas serenas/ Ruflando as asas, sacudindo as penas/ Voltam todas num bando em revoada”... Por isso é que, quando eu li o Drummond, eu vi que ele estava contrastando o anoitecer urbano com esse outro. É porque tudo isso fazia parte da memória, estava sedimentado, era parte de mim, e este *background* que eu tenho, em grande parte eu devo ao fato de ter recitado muito na infância, de ter declamado, também na escola, quando eu vim para cá, para o Ginásio Mineiro, o antigo Colégio Estadual. Toda quinta-feira havia uma hora social. As meninas recitavam e os rapazes faziam palestras. Veja você, menina era só pra recitar e cantar e os rapazes faziam palestras. A gente recitava muito e isto era uma beleza. Hoje é isso que faz falta, justamente porque o pessoal não lê. Então não tem *background*. Como é que se vai fazer um trabalho de intertextualidade, se falta o texto? A pessoa só tem aquele texto que está diante do nariz. Faltam outros textos, então como é que vai

trabalhar a intertextualidade? É difícil, não é? Tem que ter uma grande bagagem de leitura. Quando eu li *Maira*, de Darcy Ribeiro, eu vi ali o *Livro de Isaías*, do Antigo Testamento. Ele usou o *Livro de Isaías* para dizer o contrário. Eu tenho uma razoável leitura dos Evangelhos e do Antigo Testamento, independentemente de qualquer motivo religioso. É porque eu gosto de ler, eu acho importante, você tem que ler a Bíblia. Então, se a gente não tem este *background* cultural, não vai perceber relação de nada, como é que vai fazer um trabalho de intertexto, se faltam os textos?

Você já leu livros censurados, já leu algum livro que não estava transitando na sociedade?

Quando eu era menina, os livros de modo geral não ficavam ao alcance de criança. Nunca tive essa preocupação. Quando eu vim para cá, quando faltava professor, ou nos intervalos entre uma aula e outra, havia às vezes um espaço de uma hora, eu ia sempre à biblioteca e lia. Lá é que muitas pessoas que cuidavam da biblioteca me falavam: Não, este livro você não pode ler! Por exemplo, eu me lembro do Alencar, do Machado de Assis, havia livros que não eram pra gente ler: *Lucíola* e *Dom Casmurro*, por exemplo. Quando eu peguei o *Dom Casmurro* pra ler, mesmo depois disso, achei chato demais, larguei no início, porque eu não tinha amadurecimento para ler aquele livro naquela idade. Também tem isso. Eu achava lindo o *Moço Loiro*, *Iaiá Garcia*. Quando tive amadurecimento para ler, aí eu não tenho idéia de quantas vezes li o *Dom Casmurro*.

Maria Luíza, como e quando começou sua carreira literária?

A carreira literária começou assim, eu escrevendo artigos para o suplemento literário do *Diário de Minas*. Isto foi no início dos anos 50. Quando eu era menina, escrevi umas coisinhas para o jornalzinho lá de Itatiaia, porque a família do meu pai é do Rio de Janeiro e a da minha mãe é de Itatiaia. Ela guardava essas coisas todas, de modo que eu ainda tinha composição escrita por mim aos nove anos de idade. Já publicava em jornal... quer dizer, os outros faziam isto. Eu não tinha nada com isto. Mas eu lembro que falava assim: “Quando as acácias se apendoavam de ouro”, eu lembro desse começo.

Que recado você daria para os professores iniciantes, numa realidade como a da periferia, onde a leitura não se constitui num referencial? Como conquistar este aluno, principalmente adolescente, para o universo da leitura?

Eu acho que uma maneira muito boa de seduzir o aluno para a leitura, principalmente no caso da poesia, que ninguém gosta de ler, é fazer a leitura em voz alta. Mas uma leitura em jogral, por exemplo, que é uma coisa que seduz, a criança fica seduzida para fazer uma leitura em jogral. É uma arte também, esta de dizer um texto. E quanto à prosa literária, é claro que a literatura não é referencial pra essas crianças de periferia, que raramente vêm um livro pela frente. Mas há também uma forma coletivizada de ler um texto, para depois discutir, dramatizar. O professor pode submeter o texto aos alunos para discutirem e fazer em torno dele várias perguntas, de modo que fique uma leitura socializada. Comparar um texto com outro, dividir a turma ao meio: um lado fala a favor do texto, o que gostou, e o outro fala dos pontos negativos, o que achou chato. Os alunos assim, fazendo uma espécie de jogo, dinamizam a leitura, que no silêncio individual pode perder terreno nesses lugares em que o livro não é prestigiado.

Algumas publicações de Maria Luiza Ramos

Os avessos da linguagem: uma introdução à leitura psicanalítica. Belo Horizonte: Imprensa Universitária, 1990.

Fenomenologia da obra literária. Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 1969.

Entrevista realizada por Célia Teodoro, Elisiane Brito, Fabíola Ramos, Marlene Domingues e Roseli Nívea

Índice dos Entrevistados

Ana Maria Almeida - 7

Angela Senra - 12

Ângela Vaz Leão - 22

Letícia Malard - 28

Lúcia Castello Branco - 42

Marcus Vínicus de Freitas (Bacamarte) - 58

Maria Luiza Ramos (Marilu) - 63